No bails a liberdade transfing on bida Cingas des Judices The Fempre muitantantur. Mrs Sailer a lile Mr. Bailes, a bl transfeg or limbs transpor or limites an postor, cardo a ponto, cardo o bodes de mos bides do mos de averidas de meridio for per for par media No bails a liberdade transfing or iles de deco bida

A HISTORIOGRAFIA LINGUÍSTICA DE ISMAEL COUTINHO

NATANIEL DOS SANTOS GOMES
JOSÉ PEREIRA DA SILVA
FERNANDA VIANA DE SENA
GISELLE VASCONCELOS DOS SANTOS FERREIRA
(ORGANIZADORES)



Nataniel dos Santos Gomes José Pereira da Silva Fernanda Viana de Sena Giselle Vasconcelos dos Santos Ferreira

(Organizadores)

A HISTORIOGRAFIA LINGUÍSTICA DE ISMAEL COUTINHO:

Observações a partir das gramáticas de Eduardo Carlos Pereira e de Evanildo Bechara

> Editora Impetus Niterói, RJ 2017

© 2017, dos autores

Projeto gráfico e editoração: José Pereira da Silva

Capa: Nataniel dos Santos Gomes

Revisão: Nataniel dos Santos Gomes

José Pereira da Silva Fernanda Viana de Sena

Giselle Vasconcelos dos Santos Ferreira

DADOS INTERNACIONAIS PARA CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)

H673

A historiografia linguística de Ismael Coutinho: observações a partir das gramáticas de Eduardo Carlos Pereira e de Evanildo Bechara / Nataniel dos Santos Gomes, José Pereira da Silva, Fernanda Viana de Sena, Giselle Vasconcelos dos Santos Ferreira. – Niterói: Impetus, 2017, 126 p.

ISBN 978-85-7626-946-5

1. Coutinho, Ismael de Lima, 1900-1965. 2. Linguística – Historiografia. I. Título.

CDD- 410

Todos os direitos são reservados, permitida a reprodução de pequenos trechos em trabalhos acadêmicos, mencionando-se sempre a fonte. A violação dos direitos autorais (Lei nº 9.610/98) é crime (art. 184 do Código Penal).

A editora e os organizadores informam que quaisquer vícios concernentes aos conceitos doutrinários, às concepções ideológicas, às referências, à originalidade e à atualização da obra são de total responsabilidado dos autores.

Antes de tudo, havia a Palavra, a Palavra presente em Deus, Deus presente na Palavra. A Palavra era Deus, Desde o princípio à disposição de Deus.

(João 1.1-2, A Mensagem)

Não se conhece completamente uma ciência enquanto não se souber da sua história.

Auguste Comte

DEDICATÓRIAS

Àquele que mais do que um carpinteiro.

Nataniel dos Santos Gomes

A minha Família e a meus Amigos!...

José Pereira da Silva

Ao autor da minha fé, ao meu esposo, Eduardo, e aos meus filhos Duda e Davi.

Fernanda de Viana Sena

Ao meu Professor orientador pelo incentivo e carinho, ao meu companheiro de caminhada Cesar, e aos meus "pedacinhos" Isabelle e Natália. Giselle Vasconcelos dos Santos Ferreira

AGRADECIMENTOS

Os organizadores agradecem ao CiFE-FiL (Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos) por ter disponibilizado o rico material de Ismael de Lima Coutinho e a William Douglas pelo estímulo constante à produção bibliográfica.

SUMÁRIO

PREFÁCIO9
Daniel Abrão
Apresentação17
Nataniel dos Santos Gomes, José Pereira da Silva, Fernanda
Viana de Sena e Giselle Vasconcelos dos Santos Ferreira
Uma introdução aos princípios da historiografia linguística 27
João Henrique Aquiles Diniz e Shirley Aquiles Diniz
A efervescência histórica em que Coutinho escreve seus
contos
Nataniel dos Santos Gomes, Fernanda Viana de Sena e Giselle
Vasconcelos dos Santos Ferreira
Reflexões sobre a ortografia no conto "Tio Jacintho", de
Ismael de Lima Coutinho: uma abordagem a partir da his-
toriografia linguística52
Nataniel dos Santos Gomes, Fernanda Viana de Sena e Giselle
Vasconcelos dos Santos Ferreira
O processo de derivação de palavras em Eduardo Carlos
Pereira e Evanildo Bechara: um olhar historiográfico69
Izadora Thais Marinho de Andrade e Maria Lucia Loureiro
Paulista

5.	Os processos de composição: um olhar historiográfico a
	partir dos textos de Ismael de Lima Coutinho86
	Letícia Rodrigues Rojas e Talita Galvão dos Santos
6.	Regência por Eduardo Carlos Pereira e Evanildo Bechara:
	uma abordagem historiográfica96
	Anderson Ribeiro Foster e Glaucinei Dutra Galvão
	Sobre os autores123

PREFÁCIO

Já conhecemos Ismael de Lima Coutinho, o grande linguista, autor de relevantes trabalhos de gramática histórica e fundador da Academia Brasileira de Filologia. Seus trabalhos são referência na área de Letras, sendo objeto de inúmeras pesquisas em todo o Brasil. Mas o que temos aqui é o Ismael de Lima Coutinho contista, mostrando seu trabalho meticuloso com a literatura, o que amplia a visão que tínhamos sobre a sua maestria com as letras.

Com o pseudônimo João das Chagas, Ismael escreveu seus Contos Ingênuos, material não publicado enquanto o autor ainda estava em vida. No volume, encontramos uma coleção de belas paisagens e cenas brasileiras, escritas com evidente labor, por alguém que parecia ser um grande apreciador do gênero. Valeria a pena pensar sobre a nomenclatura "ingênuos", relativa aos contos de Ismael de Lima Coutinho e utilizada pelo autor para denominálos. Poderíamos considerar o termo, por ser o autor um linguista incursionando timidamente nos contos, ou ainda relacionadas aos temas, recorrentes ao universo popular ou rural da cultura brasileira da primeira metade do século XX. Mas, ao ler os contos, o leitor notará que o termo é eufêmico e até tímido, pois temos aqui um exímio contista, que domina como poucos a arte do enredamento conciso do leitor, e que pelo fato deixa transparecer um

vasto conhecimento das formas literárias, advindo de larga gama de leituras e conhecimento da tradição das letras.

Os contos de Ismael Coutinho presam pela unidade. Há uma matriz em sua organização, que poderíamos denominar de tradicional, que recorre, em alguns elementos, às delimitações propostas por Poe, em Filosofia da Composição, mais especificamente no que tange aos aspectos da unidade de ação e do fio único narrativo, que impede os saltos, as digressões paralelas e as interrupções na leitura. Mas enquanto o conto, com Poe, é desdobramento narratológico de uma tradição americana e europeia, que abarcava a reflexão crítico-formal do cânone da narrativa desenvolvida após o romance no ocidente, o conto de Ismael de Lima Coutinho, ainda que beba na mesma fonte de Poe, guardadas as proporções do caso brasileiro, mobiliza a unidade formal amealhando o fio mítico das narrativas orais, próprias do folclore brasileiro, com traços que aproximam o conto da forma breve do relato oral, o "causo".

Nos contos, há um narrador externo, que sobrevoa o texto, mas nele se percebe uma atmosfera de familiaridade com o narrado, o que confere um grau interessante de verossimilhança no relato, parecendo uma visão de fora, mas que se justifica em saber e narrar as impressões mais íntimas das personagens.

No conto *O Velho Tropeiro*, estamos próximos a um universo campeiro, com tipos sociais muito conhecidos do meio rural, e que lembra a atmosfera de Juca Mulato, de Menotti del Picchia. É possível reconhecer na leitura, um ritmo cadenciando, de forma ininterrupta os temas, que não perdem força no rolar das páginas. Há, pois, um movimento contínuo entre imagens, situações e en-

trelaçamentos narrados, que partem de elementos simples e que se justificam na medida em que se unem de forma harmônica no enredo. No conto, a história do tropeiro José Pereira da Anunciação é contada recheada dos valores da sociedade rural brasileira, mas menos com um narrador que distribui valores na diegese, por mais que o autor controle sua narrativa, e mais como um narrador que apresenta uma paisagem a ser vista em sua globalidade, como se a história caminhasse por si própria, sem autoria, brotando da natureza literária que transpassa o real pelo verossímil. São belíssimas as descrições das paisagens, seres e situações, momentos em que Ismael, precocemente, já demonstrava grande conhecimento vocabular, gramatical e literário. Vale a pena o deleite na leitura, quando são apresentados os "tropeiros":

Produto híbrido da fusão étnica de três raças diversas, o tropeiro, mais que qualquer outro, conserva, bem vindicadas na alma, as influências atávicas, refletindo, nos seus atos, os característicos próprios de cada uma delas as suas virtudes e vícios, exaltações e abatimentos, arrojos e temores [...] Deste modo se aplica a atitude contraditória desse homem que, nos lances difíceis e arriscados, mostra a serenidade estoica e a coragem ardida de um semideus da fábula, ao passo que se enconcha no pouso, a tiritar de medo, se ouve o chirrio agoureiro de uma coruja noctívaga ou o uivo longínquo de um cão errabundo [...]

É de se notar as habilidades descritivas, os recursos imagéticos e as referências culturais comunicadas de forma clara. Já no conto *Tio Jacinto*, temos uma mescla entre vozes narradas. A voz do narrador, que conta a história da personagem tio Jacinto, se mistura à voz do próprio Jacinto, quando este começa a contar para as crianças uma "história". Neste momento, progressivamente, ficam fundidas duas narrações, que se intercalam e se interpelam, aproximando a própria ideia do conto de Ismael ao "conto" do tio

Jacinto, o que confere um trabalho especial com a linguagem literária, na medida em que conhecemos o fato de que a triste história narrada para as crianças dentro do conto, tautologiamente, é a história do próprio tio Jacinto. O jogo de verossimilhança se completa quando, de forma sub-reptícia na leitura, unimos a voz do narrador à voz do tio Jacinto contando a história para as crianças, com a observação de que a história contata pelo tio jacinto, que se referia a um episódio de certo estrangeiro em um vilarejo, era a própria história pessoal, referida na sub-narrativa do conto. Como resultado final do processo mimético, temos a impressão de que não só a história contada pelo tio Jacinto era, no fundo, "verdadeira", porque pessoal, mas também a impressão de que o próprio narrador poderia estar envolvido em criar um suposto "Tio Jacinto", como parte da gama de expressão pessoal que se constrói por meio da arte e da estética entre autor e narrador. Um jogo de espelhos, digno de elementos modernistas, embora a faceta literária de Ismael de Lima Coutinho ainda esteja colada em uma historiografia semi-consolidada que a relaciona à narrativa "tradicional".

À parte o desenho espacial da trama narrativa, temos, mais uma vez, o esmeril verbal moldando as descrições, com a elegância das letras que, lidas hoje, parecem afrontar a economia linguística exacerbada dos contos breves contemporâneos e suas manifestações híbridas, minimalistas, próximas à oralidade ou de rarefação formal, como podemos ler no trecho, exemplar, em que o narrador do conto (na voz de tio Jacinto), descreve o cavalo do forasteiro recém-chegado:

cavalgando um magnífico ginete, negro como a noite, de crinas bastas e cauda comprida, a rebolar, sob a gualdrapa, tauxiada de pedrarias raras, a carne roliça de animal acarinhado. À sua destra, com a desenvoltura de uma amazona, sobre um não menos formoso corcel, marchava uma beleza egípcia, de olhos deslumbradoramente pretos e profundos, cabelos ondeados e longos, a fugirem-lhe de sob o toucado, numa chuva de ébano, pelas níveas espáduas e colo alabastrino, que um belíssimo rosicler de pérolas finas emoldurava.

Já no conto "O negro Eugênio", a paisagem é o tempo da escravidão o Brasil, mostrando os feitos heroicos e quase míticos de um herói negro, Eugênio, a quem o conto, progressivamente, vai tecendo elogios e belas descrições da figura, temida até pelos portugueses senhores de escravos. No conto, a tensão narrativa se atenua, pois há um crescente descritivo em que os percalços da personagem protagonista são sempre positivos, quase sem contrapontos. Não segue, pois, aquele padrão de conto começo-conflitomeio-clímax-fim. Mais parece uma sequência de cortes cinematográficos, que ocupam quase todas as páginas do conto descrevendo a luta de negro Eugênio e a tropa do capitão Mascarenhas. No centro do conto uma cena única, a luta, em que a tônica é a supremacia da Capoeira de Eugênio sobre os lacaios do fazendeiro. A tonalidade é heroica, quase romântica, mas, lido hoje, o conto revela referências literárias longínquas das temáticas ligadas à emancipação do negro na sociedade, mostrando, neste sentido, figurações pioneiras muito antes das abordagens contemporâneas relativas ao tema.

No mesmo conto, o leitor também terá a oportunidade de contato com a linguagem popular, presente enquanto recurso mimético puro, por certo aquém do trabalho formal do inventa línguas Guimarães Rosa, mas evidenciando, por outro lado, uma alta sensibilidade no registro oral, de cunho fonético, o que mostra o

autor como exímio observador da realidade e com precisa capacidade de registro, montagem e posterior organização literária, como vemos no trecho: "— Cum vancê sozinho, num hai dúvida, patrão, que eu vou até no inferno. Mas com essa muntuera de gente atrais de mim, me adiscurpe, que eu num vou, não".

Passadas as correntes críticas diversas, observadas as inúmeras revoluções formais, seus critérios e as reverberações de valoração do cânone entre público leitor-academia-crítica-autores, podemos refletir sobre a herança vanguardista e modernista sem as afetações desavisadas dos clichês e cristalizações teóricas que se avolumaram, notadamente na segunda metade do Séc. XX. Certo que, no Brasil, é muito comum a comparação de qualquer obra a partir da divisão parnasianismo/tradição lusitana x modernismo/vanguardas, mas para a leitura da obra literária de Ismael de Lima Coutinho seria mais adequado suspender estas dicotomias e pensar na energia criadora das obras que se nutrem da tradição, dos modelos e das regras da arte, somente para dominá-las e subvertê-las, pois o que sabemos é que há beleza na subversão da tradição, como também há beleza na elevação da tradição a uma potência estética acabada, precisa e de arquitetura plana. Poe já ensinara com sua literatura que é preciso o domínio da técnica anterior no interior da renovação da narrativa. Baudelaire desconstruiu o soneto por dentro, e dominando a forma fixa aponta os laivos da modernidade. Ismael Coutinho, à época um jovem contista, contribuiu não para a renovação de um gênero e tampouco para o "paideuma" modernista, mas para a sua consolidação do conto no Brasil, firmando o solo para futuros saltos e revoluções literárias.

É, pois, uma literatura de transição entre a tradição e o moderno, pendendo mais para a tradição, isto porque a filiação estética se coaduna com uma linhagem de contistas que escreveram mobilizando o fraseado vernacular, ao gosto ortodoxo dos professores de Português da primeira metade do Séc. XX, e, mais precisamente, a uma prosa elegante que conduz a sintaxe ao modo da tradição, como bem o fizeram Otto Lara Resende, Fernando Sabino ou Autran Dourado. Entretanto, não seria preciso atribuir à obra literária de Ismael de Lima Coutinho a classificação de modernista, para conferir-lhe status, pois não é o grau de aproximação com o que veio depois – o modernismo -, que hierarquizaria sua obra em meio ao cânone, como se a história literária fosse eternamente evolutiva na História, produzindo formas cada vez mais avançadas ao longo do tempo, progressivamente. Pelo contrário, o que vemos são oscilações muito próximas das oscilações da própria História, e tanto podemos ter uma literatura contemporânea frágil em alguns aspectos e revolucionária em outros, como podemos ter fragilidades e elementos estéticos sólidos com extrema qualidade nas literaturas próximas da tradição. A questão é observar de perto cada obra, pesquisar suas fontes, referências, como também o grau de domínio do ofício, apreendendo cada texto dentro de sua singularidade histórica, captando o olhar – e a prática literária – que sobrevoa a época, mas também um olhar que parte da época para nosso tempo. Sobretudo, no tocante à literatura, atentar-se para elementos fundamentais do enredamento estético, como a sedução da leitura, a organização interna, a relevância social e a importância historiográfica para o gênero, o que pode ser amplamente verificado na obra literária de Ismael de Lima Coutinho,

uma obra ainda carente de pesquisas acadêmicas e que abre todo um leque de proposições e estudos no porvir, o que esperamos com a republicação crítica de seus contos.

<u>Daniel Abrão</u>

APRESENTAÇÃO

A historiografia linguística busca lidar com

questões da periodização, de contextualização e com temas relativos à prática linguística efetiva, com o intuito de identificar diferentes fases de desenvolvimento da língua ou de períodos mais longos (NASCIMENTO, 2005),

sendo um "estudo interdisciplinar do curso evolutivo do conhecimento linguístico; ela engloba a descrição e explicação em termos de fatores intradisciplinares e extradisciplinares" Pierre Swiggers (2012, p. 2). O próprio termo historiografia linguística apresenta a ideia de intercepção entre elementos históricos e linguísticos de forma harmônica.

O trabalho da História e do historiógrafo pode ser diferenciado pelo seguinte argumento:

enquanto a História estudava a narrativa dos acontecimentos históricos, a Historiografia começou a estudar e registrar esses acontecimentos para reconstruir o passado por meio da interpretação dos fatos à luz do espírito da época. (GODOY, 2009, p.79)

Assim consegue delimitar o campo de atuação de cada estudioso enredado em uma abordagem distinta, mantendo assim sua marca multidisciplinar.

A historiografia linguística cresceu bastante nos últimos 25 anos, sobretudo na Europa e na América, a partir da publicação de periódicos de qualidade, do aumento de profissionais e pelos grupos dedicados ao seu estudo (SWIGGERS, 2012, p. 1). Ela apresenta e explana como se gerou e se estendeu o saber através do tempo em um certo contexto, a partir da "dimensão interna" e da "dimensão externa", em outras palavras, o aspecto cognitivo e o social e individual.

Assim, seu principal objetivo é estudar de forma organizada a língua em momentos anteriores, focando na escrita, onde a estrutura gramatical é preservada.

Nos anos 1980 surgiram diversas discussões sobre os princípios e metodologias para sistematizar as pesquisas na área. Segundo Ernst Frideryk Konrad Koerner (1996):

Há vários problemas metodológicos e epistemológicos que enfrenta o historiógrafo da linguística. Estes incluem questões de periodização, contextualização e, geralmente, procedimentos de pesquisa [...]. (KOERNER, 1996, p. 58)

Ernst Frideryk Konrad Koerner (1996) cria três princípios para o trabalho que vão legitimá-lo: contextualização, imanência e adequação.

O autor apresenta a contextualização da seguinte forma: "O primeiro princípio [...] diz respeito ao estabelecimento do 'clima de opinião' geral do período em que as teorias se desenvolveram" (1996, p. 60). É por meio disso que o historiador pode ir ao passado e entender o presente, situar a história do documento e estabelecer o clima de opinião daquela época escolhida. "Observando-se

as correntes intelectuais do período e a situação socioeconômica, política e cultural [...]" (BASTOS & PALMA, 2004, p. 17). Tal princípio leva em conta aspectos sociais, geográficos, políticos, econômicos e outros que influenciam o sistema linguístico da época. Afinal, "as ideias linguísticas nunca se desenvolveram independentemente de outras correntes intelectuais do período". (KOERNER, 1996, p. 60)

A Imanência descreve as dimensões internas da língua, investigando a língua em documentos históricos. Avalia-se o quadro linguístico da época, examinando a terminologia assumida, para assim entender a língua e a sua estrutura interna. "Consiste no esforço de estabelecer um entendimento completo, tanto histórico quanto crítico [...]". (KOERNER, 1996, p. 60)

A Adequação segue a perspectiva interna da língua, de forma complementar, aproximando-se ou distanciando-se de um olhar temporal e cultural do recorte histórico. (KOERNER, 1996, p. 60) O princípio da adequação busca unificar os dois primeiros princípios, numa experiência de cotejar os momentos históricos que comprovam a evolução/mudança de uma determinada língua. (MATOS & GOMES, 2013)

Esses princípios visam organizar e fidelizar o estudo por meio dos documentos, tornando tal estudo mais amplo e mais vigoroso, mantendo o objeto de discussão: a língua.

Esse livro tem o objetivo de estudar alguns textos literários produzidos pelo famoso gramático Ismael de Lima Coutinho em sua juventude a partir do ponto de vista da historiografia linguística confrontando as gramáticas de Eduardo Carlos Pereira (séculos

XIX-XX) e Evanildo Bechara (séculos XX-XXI), seguindo os princípios metodológicos propostos por Ernst Frideryk Konrad Koerner (1996).

Uma das gramáticas que circulava durante o período que Ismael de Lima Coutinho produziu seus textos era de Eduardo Carlos Pereira, um dos estudiosos que mais se destacou no século XIX e início do século XX.

Nasceu em 8 de novembro de 1855, em Caldas, Minas Gerias. Atuou no período da República Velha, quando se dedicou ao trabalho de gramático e filólogo.

Eduardo Carlos Pereira, pela sua produção acadêmica e atuação no magistério público estadual de São Paulo (capital), apresentou-se como filólogo, publicando a *Gramática Histórica* e *Questões de Filologia* como gramático, publicou a *Gramática Expositiva*. Em Eduardo Carlos Pereira, vemos a sua formação rica de gramático e estudioso da Língua Portuguesa guiada pela prática docente concursando no então Ginásio do Estado de São Paulo. (ALMEIDA, 2007, p. 84)

Eduardo Carlos Pereira contribuiu tanto na parte teórica quanto na prática do magistério, fator que lhe trouxe experiência, contribuindo, assim, para sua formação ampla em questões educacionais. (MATA & GOMES, 2013)

Em suas produções bibliográficas, verifica-se que, além da elaboração de gramáticas e artigos, labutou em obras de cunho religioso, tais como a tradução da Bíblia Sagrada presbiteriana (1917).

[...] Eduardo Carlos Pereira foi influenciado pela visão protestante, convertendo-se ao protestantismo presbiteriano, e abraçando a sua maneira de vida, tanto no aspecto religioso como no aspecto educacional

Em face do projeto educacional trazido ao Brasil pelos missionários da Igreja Presbiteriana dos Estados Unidos, em meados do século XIX e início do século XX.

Eduardo Carlos Pereira (1855-1923), um dos líderes da primeira geração de pastores presbiterianos brasileiros, distinguiu-se como professor e gramático, sendo professor por muitos anos na escola pública e autor de importantes obras sobre gramática. Ele contribuiu, também, de forma relevante, para a língua portuguesa em nosso país. Pereira usou um órgão da imprensa presbiteriana, "O Estandarte", jornal que ele mesmo fundou em 1893 e no qual atuou como redator responsável. Escreveu artigos com vista a educar a sua denominação eclesiástica e a sociedade (GUTIERRES & ARNAUT DE TOLEDO, 2010, p. 1-2)

Eduardo Carlos Pereira participou do debate sobre as questões educacionais no Brasil. Deixou um legado teológico e secular, uma vez que sua atuação vai da Igreja Presbiteriana até a elaboração de gramáticas em nosso país.

As gramáticas de Eduardo foram produzidas quando o país passava por mudanças na organização do ensino da língua. A fim de adequar os padrões de ensino do Colégio Pedro II a novos moldes, o diretor do colégio propõe a vários professores uma reestruturação do ensino secundário, o que ensejou uma efervescência no campo das produções de materiais didáticos. (MATOS & GOMES, 2013)

Eduardo Carlos Pereira produz as gramáticas *Expositiva* – *Curso Superior* e *Expositiva* – *Curso Elementar* em 1907 e, no ano de 1915 termina a *Gramática Histórica*, publicando-a em 1916. Sua obra foi marcada por um misto moderno-tradicional em sua obra. Por um lado, defendia a necessidade de um cuidado maior quanto à questão histórica da língua, por outro lado, o mais tradicional, pulsava ao elemento lógico na expressão do pensamento.

Uma obra importante na carreira de Eduardo Carlos Pereira foi *Gramática Expositiva – Curso Elementar*, composta de duas partes, uma que trata do léxico e outra que aborda a sintaxe. Dentro de cada uma dessas partes existem subdivisões, onde são tratados, por exemplo, a fonética, ortografia etc.

Para mostrar as mudanças ocorridas na gramática do período em que Ismael de Lima Coutinho escreveu, claramente influenciado por Eduardo Carlos Pereira, optamos pela obra de Evanildo Bechara.

Evanildo Cavalcante Bechara nasceu em Recife, em 26 de fevereiro de 1928. Ele é professor, gramático e filólogo brasileiro de grande destaque, inclusive, sendo membro correspondente da Academia das Ciências de Lisboa e doutor *honoris causa* pela Universidade de Coimbra. Além disso é Professor Titular e Emérito da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) e da Universidade Federal Fluminense (UFF), além de titular da cadeira nº 16 da Academia Brasileira de Filologia e da cadeira 33 da Academia Brasileira de Letras, eleito em 11 de dezembro de 2000.

Aos onze para doze anos mudou para o Rio de Janeiro para completar sua educação na casa de um tio-avô. Onde mostrou sua vocação para licenciatura. Fato que fez com cursasse letras, modalidade neolatinas, na Faculdade do Instituto La-Fayette, hoje UERJ, bacharel em 1948 e licenciado em 1949.

Aos quinze anos conheceu o Prof. Manuel Said Ali o que possibilitou seu percurso pelos caminhos linguísticos. Aos dezessete, escreve seu primeiro ensaio, intitulado *Fenômenos de Into-nação*, publicado em 1948. Em 1954, começa a dar aulas de Lín-

gua Portuguesa no Colégio Pedro II e publica livro *Primeiros Ensaios de Língua Portuguesa*, artigos escritos entre os dezoito e vinte e cinco anos, saídos em jornais e revistas especializadas.

Evanildo Bechara se especializou em Filologia Românica em Madri, com Dámaso Alonso, entre 1961 e 1962, com bolsa oferecida pelo Governo espanhol. Doutor em Letras pela UEG (atual UERJ), em 1964.

Nesse mesmo ano, foi convidado por Antenor Nascentes para se tornar seu assistente, chega à cátedra de Filologia Românica da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da UEG (hoje, UERJ). Entre 1962 e 1992 foi professor de Filologia Românica do Instituto de Letras da UERJ. De 1976 a 1994 foi professor de Língua Portuguesa do Instituto de Letras da UFF (Universidade Federal Fluminense). Além disso, foi professor titular de língua portuguesa, linguística e filologia românica da Fundação Técnico-Educacional Souza Marques, de 1968 a 1988, professor de Língua Portuguesa e Filologia Românica em IES nacionais em diversas instituições brasileiras, entre elas: PUC-RJ, UFSE, UFPB, UFAL, UFRN e UFAC e estrangeiras na Alemanha, na Holanda e em Portugal. Em 1994, recebeu o título de Professor Emérito da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (1994) e em 1998, da Universidade Federal Fluminense. Em 2000, recebeu o título de Doutor Honoris Causa pela Universidade de Coimbra.

É autor das principais gramáticas da língua portuguesa atualmente em uso: *Moderna Gramática Portuguesa* (37.ª edição, Rio de Janeiro: Lucerna, 1999); *Gramática Escolar da Língua Portuguesa* (1.ª edição, Rio de Janeiro: Lucerna, 2001); *Lições de*

Português pela Análise Sintática (18.ª edição, Rio de Janeiro: Lucerna, 2004), entre outras. Além disso, é editor da revista *Confluência*, dedicada aos estudos linguísticos, editada pelo Liceu Literário Português.

Sobre a *Gramática Moderna Portuguesa*, Carmen Lúcia Hernandes Agustini (2001, p. 121) comenta

[...] o modo como a linguística aparece na gramática é efeito desta conjunção de contraditórios, restringindo-se à introdução e às notas, seja de texto, seja de rodapé, figurando sob o modo de citações diretas ou indiretas. A citação transfere a autoridade do lingüista para o dizer da gramática, instituindo a separação das disciplinas, lingüística e gramática; mas produzindo uma indistinção entre ciência e gramática.

A gramática parece produzir um material que fica entre a tradição e a inovação. Edileusa Gimenes Moralis (2008) lembra que

Ao tomarmos o prefácio da *Moderna Gramática Portuguesa*, de 1967, de Bechara entramos em contato com um sujeito/autor que enuncia, ao mesmo tempo, de dois lugares distintos.

De um lado, tem-se o discurso da modernidade e, de outro lado, o da tradição gramatical. O discurso da modernidade está presente na nomeação da própria gramática *Moderna Gramática Portuguesa* e, é reforçado pelo convite que faz o autor ao magistério brasileiro.

Não restam dúvidas quanto à relevância da gramática de Evanildo Bechara nem quanto à implementação dos avanços que ela conquistou, sem romper totalmente com a tradição.

Nos próximos capítulos, apresentaremos os princípios propostos por Ernst Frideryk Konrad Koerner (1996) para a historiografia linguística, a contextualização e diversos estudos a partir de Eduardo Carlos Pereira e Evanildo Bechara. Esperamos que a leitura possa estimular o avanço dos estudos ligados à historiografia linguística no país.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS. *Evanildo Bechara*. Disponível em: http://www.academia.org.br/academicos/evanildo-bechara/bibliografia>. Acesso em: 10/10/2016.

AGUSTINI, Carmen Lúcia Hernandes. Moderna gramática portuguesa. *Línguas e Instrumentos Linguísticos*, Campinas, n. 6, 2001.

ALTMAN, Cristina. Retrospectivas e perspectivas da historiografia da linguística no Brasil, *Revista Argentina de Historiografia Linguística*, vol. I, n. 2, 2009. Disponível em:

< http://www.rahl.com.ar/index.php/rahl/article/view/12>.

BASTOS, Neusa Maria Oliveira Barbosa. *O fazer historiográfico em língua portuguesa*. PUC-SP/UPM, 2004. Disponível em:

< http://www.pucsp.br/pos/lgport/downloads/publicacao_docentes/historiografico_neusa.pdf>. Acesso em: 10/10/2011.

_____; PALMA, Dieli Vesaro. *História entrelaçada 2*: a construção de gramáticas e o ensino de língua portuguesa na primeira metade do século XX. Rio de Janeiro: Lucerna, 2006.

GUTIERRES, Edison Aparecido; ARNAUT DE TOLEDO, Cezar de Alencar. Vida e contribuição educacional de Eduardo Carlos Pereira. In: *Anais do Seminário de Pesquisa do PPE*: 27 e 28 de abril de 2010. Universidade Estadual de Maringá, Departamento de Fundamentos da Educação, Departamento de Teoria e Prática da Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação. Maringá: UEM/DFE/DTP/PPE, 2010.

KOERNER, Konrad. Questões que persistem em historiografia linguística. *Revista da ANPOLL*, n. 2, p. 45, 1996.

MATA, Priscila Figueiredo da; GOMES, Nataniel dos Santos. Historiografia linguística na fase jesuítica e Segundo Reinado. *Ave Palavra*, Alto Araguaia, UNEMAT, 2013. Disponível em:

http://www2.unemat.br/avepalavra/EDICOES/16/artigos/priscilanat. pdf>.

MORALIS, Edileusa Gimenes. Evanildo Bechara: entre a tradição gramatical e a nova corrente moderna. *Ave Palavra*, n. 10, Alto Araguaia, UNEMAT, 2008.

NASCIMENTO, Jarbas Vargas. Fundamentos teórico-metodológicos da historiografia linguística. In: ____. *A historiografia linguística*: rumos possíveis. São Paulo: Pulsar/Terras do Sonhar, 2005.

_____. *A historiografia linguística*: rumos possíveis. Disponível em: <<u>http://www.pucsp.br/pos/lgport/downloads/publicacao_docentes/hist</u> oriografia jarbas.pdf>. Acesso em: 30/12/2012.

SWIGGERS, Pierre. *História e historiografia da linguística*: status, modelos e classificações. Disponível em:

< https://lirias.kuleuven.be/bitstream/123456789/297572/1/PTEutomi a.pdf>. Acesso em: 6-12-2012.

<u>Os Organizadores</u>

UMA INTRODUÇÃO AOS PRINCÍPIOS DA HISTORIOGRAFIA LINGUÍSTICA

João Henrique Aquiles Diniz Shirley Aquiles Diniz

1. Introdução

O termo historiografia linguística apresenta o conceito a partir da interseção entre a história e a linguística, fazendo com que as duas ciências trabalhem paralelamente. Assim, ela tem a finalidade de lidar com "[...] questões da periodização, de contextualização e com temas relativos à prática linguística efetiva, com o intuito de identificar diferentes fases de desenvolvimento da língua ou de períodos mais longos." (NASCIMENTO, 2005)

Pierre Swiggers (2012, p. 2 *apud* GOMES, FERREIRA & SILVA, 2015, p. 13) lembra que "a historiografia linguística é o estudo interdisciplinar do curso evolutivo do conhecimento linguístico; ela engloba a descrição e explicação em termos de fatores intradisciplinares e extradisciplinares".

Para distinguir o foco da história e do historiógrafo, Godoy (2009, p. 79 *apud* GOMES, FERREIRA & SILVA, 2015, p. 13) lembra que

(...) enquanto a história estudava a narrativa dos acontecimentos históricos, a historiografia começou a estudar e registrar esses acontecimentos para reconstruir o passado por meio da interpretação dos fatos à luz do espírito da época.

A historiografia linguística busca descrever e explicar como se produziu e se desenvolveu o conhecimento no tempo em determinado contexto, ou seja, a "dimensão interna" (aspecto cognitivo) e a "dimensão externa" (social e individual). Ela "lança um outro olhar para os acontecimentos históricos, tendo como base, documentos que evidenciam a evolução da língua no decorrer do tempo, ou em um dado recorte histórico". (MATA & GOMES, 2013). Logo seu objetivo é o estudo sistematizado da língua em momentos anteriores da história, focando na escrita.

Ela passa a ganhar proeminência a partir da *Escola dos Annales*, fundada por Lucien Febvre e Marc Bloch, e sua metodologia é legitimada por Ernst Frideryk Konrad Koerner nos anos 1990. Tal ciência surgiu a partir do desenvolvimento da linguística histórica, assim ela tomou posição como respeitável disciplina na linguística, sem se confundir com a história da linguística ou com a gramática histórica. Ela se distingue por um tratamento específico, buscando a interdisciplinaridade entre elas.

Nesse capítulo procura-se apresentar a metodologia proposta por Ernst Frideryk Konrad Koerner (1996): o princípio da contextualização, da imanência e das adequações teóricas, visto que na década de 1980 as discussões a respeito da metodologia buscavam princípios e procedimentos que sistematizassem as pesquisas, sendo que há uma gama de disciplinas que envolve a historiografia linguística. Para Ernst Frideryk Konrad Koerner (1996), toda teo-

ria necessita de uma metodologia, mas a historiografia linguística traz uma delimitação proveniente da diversidade de ciências que perpassam por ela. "Há vários problemas metodológicos e epistemológicos (...) questões de periodização, contextualização e, geralmente, procedimentos de pesquisa (...)" (KOERNER, 1996, p. 58). Para resolver o problema, Ernst Frideryk Konrad Koerner propôs uma metodologia para o estudo historiográfico, que será apresentada no próximo item.

2. Historiografia linguística e a metodologia proposta por Koerner

A historiografia linguística traz à atualidade fatos históricos, reescrevendo-os por meio de princípios científicos, já que nenhuma área de conhecimento pode ser estudada isoladamente, mantendo reciprocidade entre a historiografia e a história, por meio de pesquisas ligadas à língua.

Para realizar a hermenêutica de forma mais precisa, o pesquisador necessita de subsídios que auxiliem na interpretação de textos antigos, trazendo-os para a atualidade sem erros ou equívocos, favorecendo-se do fator sociocultural. A historiografia linguística é fundamental neste processo, embasando os fundamentados para entender as mudanças e regularidades da língua.

O processo de transição e de revolução científica são conceitos apresentados por Kuhn (2007, p. 125) que servem para entender o processo pelo qual a historiografia linguística passou. Para o termo paradigma, que pode observado a partir do surgimento da interdisciplinaridade em meio a essas transformações e, para

não haver em um documento divergências em relação ao original, a historiografia linguística situa o agrupamento de outras áreas do conhecimento científico que tratam diretamente do ser humano, tais como: a Sociologia, a Antropologia e a Psicologia, compondo um processo pluridisciplinar de análise que requer ampla demanda intelectual, intenso de escopo e sagacidade de saber, exigindo uma noção quase enciclopédica do pesquisador, dada a sua natureza.

Diante da noção apresentada de Ernst Frideryk Konrad Koerner, esses fatores fazem com que a historiografia linguística seja apta a cumprir seus objetivos nas pesquisas da língua, tornando-se necessária para a interação social em suas distinções e desenvolvimento, principalmente por que a interdisciplinaridade tem sido cada vez mais valorizada no universo acadêmico.

Ernst Frideryk Konrad Koerner (1996), Thomas Kuhn (2007), Jarbas Vargas Nascimento (2005), entre outros pesquisadores da língua, entendem que a língua é um objeto de interação social do homem, criado por ele mesmo, e seu estudo deve ser realizado de forma ampla, levando em conta o conhecimento do contexto intelectual e na interpretação do documento para que a historiografia seja entendida com clareza.

Na perspectiva da historiografia linguística, a metalinguagem é caracterizada como recurso indispensável para lidar com a língua, transformando-a numa ferramenta fundamental para o historiógrafo, adequando-a ao presente, que de acordo com Ernst Frideryk Konrad Koerner (1996) seja a maneira pela qual o pesquisador "empreende a descrição e apresentação de teorias da linguagem do passado aos pesquisadores do campo presente", produzindo um estudo extensivo e intensivo, envolvendo a linguagem em seu contexto social e cultural, voltando-se às suas particularidades e peculiaridades.

Para Miguél Eugenio Almeida (2003, p. 92), a metalinguagem pode ser tal recurso e está ao alcance de vários ramos do saber, uma vez que tudo pode ser transformado em linguagem. Ela ultrapassa as fronteiras de um conjunto de tecnologias para descrever as línguas em seus usos ou funções, tornando-se importante como diferenciador da linguagem, para que não se confundam os dois níveis em que ela permite operar; enquanto objeto de investigação e enquanto técnica de observação.

Por meio desse processo de análises da língua, Ernst Frideryk Konrad Koerner (1996) sugere que historiógrafo trabalhe com os três princípios. Objetivando adequar os textos históricos à atualidade, relacionando o passado ao passado. O mesmo se pode fazer em relação ao presente para o que se obterá o resultado da pesquisa do historiógrafo que utilizará procedimentos limitando-se ao impacto das influências implícitas ou explícitas, durante o estudo do documento.

Sendo assim, o resultado da pesquisa da interpretação de um determinado documento histórico resultará em uma leitura contemporânea, em que foram utilizados três princípios sugeridos por Ernst Frideryk Konrad Koerner (1996), conforme adaptado por Cléria Maria Machado Marcondes e Ana Maria Barba Lima (2013, p. 3):

a) Princípio da contextualização

- tem o objetivo de levantar e de resgatar o clima de opinião da

época em que o documento foi produzido, remontando o seu contexto histórico-cultural, as concepções linguísticas, socioeconômicas e política. Assim, o pesquisador deve entender e identificar as influências sobre o documento, além de estar atento ao editor, à capa, à tiragem, ao prefácio, à introdução e ao sumário. São elementos que podem servir de referência para que se relacione as referências e atribua sentidos ao documento investigado.

b) Princípio da imanência

- é o levantamento de informações e a compreensão do documento a partir das teorias linguísticas e históricas no contexto em que foi produzido. O pesquisador percebe o passado e não intervêm com as concepções, dados e terminologias atuais durante o processo de interpretação. A imanência busca restaurar e possibilitar a compreensão do documento.

O princípio da imanência procura entender os conceitos imanentes ao texto histórico, em que o pesquisador esclarecerá os fatos linguísticos buscando entendimento histórico e crítico, além do filológico do texto, de acordo com a fonte, que revela epistemologias adequadas, que se adequam ao texto, apontando internamente seu fundamento teórico e assim permitindo a descrição e/ou explicação dos fatos linguísticos.

c) Princípio de adequações teóricas

- objetiva atualizar o documento de forma a aproximá-lo das teorias e das ideias que circulam no presente. O princípio de adequação possibilita hermenêutica, destacando os fatos do passado, intercedidos pelo olhar do presente, para torná-los relevantes à sociedade no presente.

Tal princípio trata da aproximação teórica entre o passado e o presente apontando os conceitos que se mantêm entre ambos simultaneamente aos elementos novos, produzindo os modelos teóricos de continuidade (o que continua entre o passado e o presente) e de descontinuidade (que muda partindo de novos elementos que surgem entre o passado e o presente). Assim os modelos do passado e do presente podem ser explicados e descritos para que possamos compreender as mudanças linguísticas.

A adequação serve como um espelho de momentos históricos distintos, a partir da observação comparativa dos elementos que aparecem no documento e daqueles que estão ausentes.

3. Onde se faz historiografia linguística no Brasil

Conforme Nataniel dos Santos Gomes, Michelle De Chiara Ferreira e José Pereira da Silva (2016), atualmente pode-se citar três universidades no Brasil em que o debate e o estudo da historiografia linguística se faz presente, que são elas: USP — Universidade de São Paulo, PUC/SP — Pontifícia Universidade Católica de São Paulo e UFG — Universidade Federal de Goiás.

Um destaque na área é a professora Maria Cristina Fernandes Salles Altman (USP), que detém um respeitável currículo na área de linguística, contando com pós-doutorado. Maria Cristina Fernandes Salles Altman tem uma grande experiência na matéria e é responsável por vários trabalhos nesse campo de conhecimento.

Outro nome que dedica suas pesquisas e estudos à historiografia linguística é Olga Ferreira Coelho (USP). Sua área de pesquisa é a historiografia linguística nos séculos XIX e XX. Em conjunto atua no projeto *Documenta Grammaticae et Historiae*.

Outra figura ilustre para a área é o doutor Jarbas Vargas Nascimento (PUC/SP). Seu currículo contém grandes produções na área, além de projetos e pesquisas nessa vertente.

Na UFG, encontra-se o grupo "IMAGO Mostragem e Desenvolvimento Epistemológico da Historiografia dos Estados da Linguagem", que tem como líder o professor doutor Sebastião Elias Milani.

4. Conclusão

Este texto procurou centralizar as teorias da historiografia linguística, especialmente os princípios instituídos por Ernst Frideryk Konrad Koerner, tendo em vista que o estudo historiográfico foi uma válvula de escape para que as variações linguísticas adentrassem nos meios acadêmicos como objeto de estudo, evidenciando a complexidade da delimitação dos estudos em historiografia linguística tendo em vista a interdisciplinaridade e interdependência entre uma ciência e outra.

Apesar do entrelaçamento entre as diferentes áreas do saber em historiografia linguística, o objeto de discussão e análise é o mesmo: a língua. Assim, ela é analisada na sua forma escrita, tanto em situações formais e informais, apreciando seus aspectos sociais, culturais, geográficos, políticos e econômicos, que inferem, mesmo que de forma lenta, no sistema linguístico.

O uso da língua está estritamente ligado às práticas sociais de um contexto histórico/social, apesar de ter seus próprios mecanismos de funcionamento, influenciando diretamente nas escolhas linguísticas em que os documentos estão ou estavam inseridos.

Tanto a historiografia linguística como outras correntes buscam delimitar e mostrar sua importância dentro do espaço científico, considerando as necessidades da época em que são impostas.

Ernst Frideryk Konrad Koerner (1996) permite ao fazer historiográfico, um trabalho que inclui dimensões internas e externas da língua, mesmo com a difícil tarefa de delimitar o espaço metodológico.

Ainda que de forma introdutória, este trabalho propõe uma reflexão sobre as metodologias instituídas por Ernst Frideryk Konrad Koerner (1966) e suas relações com o fazer historiográfico, com a intenção de compreender e propagar os estudos que atualmente tentam elucidar a continuidade e descontinuidade das ideias linguísticas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Miguél Eugenio. Alfredo Clemente Pinto e suas contribuições para o ensino da língua portuguesa: um estudo historiográfico. 2007Tese (de Doutorado). – PUC, São Paulo.

BATISTA, Ronaldo de Oliveira. A gramática histórica no Brasil da década de 1930: uma análise em torno do argumento da influência. *Filologia e Linguística Portuguesa*. São Paulo: Programa de Pós-Graduação em Filologia/USP, 2011 Disponível em:

http://www.revistas.usp.br/flp/article/viewFile/59892/63001 Acesso em: 25/05/2016.

GOMES, Nataniel dos Santos; FERREIRA, Michelle De Chiara; SILVA, José Pereira da. (Orgs.). *Historiografia linguística e consoantes geminadas*: em *Silhuetas* e *Bosquejos* de Ismael de Lima Coutinho. Niterói: Impetus, 2015. Disponível em:

http://www.filologia.org.br/xix cnlf/cnlf/historiografia/a historiog rafia linguistica.pdf . Acesso em: 01/06/2016.

KOERNER, Konrad. Questões que persistem em historiografia linguística. *Revista da ANPOLL*, n. 2, p. 45, 1996.

KUHN, Thomas S. *A estrutura das revoluções científicas*. São Paulo: Perspectiva, 2007.

MARCONDES, Cléria Maria Machado; LIMA, Ana Maria Barba. Historiografia linguística: princípios concepções. *Revista da Universidade Ibirapuera*, Universidade Ibirapuera São Paulo, vol. 6, p. 52-56, jul/dez. 2013. Disponível em:

< http://www.revistaunib.com.br/vol6/7.pdf>. Acesso em: 01/06/2016.

MATA, Priscila Figueiredo da; GOMES, Nataniel dos Santos Gomes. Panorama da historiografia linguística. *Revista Philologus*, n. 55 suplemento. Rio de Janeiro: CiFEFiL, p. 558-567, 2012. Disponível em:

< http://www.filologia.org.br/revista/55supl/045.pdf > Acesso em: 25/05/2016

NASCIMENTO, Jarbas Vargas. Fundamentos teóricometodológicos da historiografia linguística. In: _____ (Org.). *A historiografia linguística*: rumos possíveis. São Paulo: Terras do Sonhar: Edições Pulsar, 2005.

A EFERVESCÊNCIA HISTÓRICA EM QUE COUTINHO ESCREVE SEUS CONTOS

Giselle Vasconcelos dos Santos Ferreira Fernanda Viana de Sena Nataniel dos Santos Gomes

1. Introdução

Os contos de Ismael de Lima Coutinho são os objetos deste estudo e serão analisados seguindo os princípios de Ernst Frideryk Konrad Koerner, sendo que este capítulo ater-se-á à contextualização histórica. Em um período de efervescência e instabilidades mundiais e nacionais é que Ismael de Lima Coutinho escreve parte de sua obra, desde a época em que esteve no seminário até sua posterior saída para abraçar o magistério.

O pós-guerra, a revolução russa, as vanguardas europeias, a Semana da Arte Moderna e as disputas internas pelo poder que aconteceram durante a República Velha fazem parte desta contextualização.

2. Contexto em que Ismael de Lima Coutinho escreveu seus contos

Foi em um mundo que acabara de viver a traumática experiência da Primeira Guerra Mundial (1914-1918) e da Revolução Russa (1917) que Ismael de Lima Coutinho começou a escrever suas primeiras obras. A Primeira Guerra Mundial pode ser considerada a primeira guerra global, "(...) de 1914 em diante, as guerras foram inquestionavelmente guerras de massa" (HOBSBAWM, 1997, p. 42) em que, potências, lutando pela hegemonia econômica, desencadearam o sangrento conflito. Essas potências dividiram-se em dois grandes blocos, um formado por França, Reino Unido e Império Russo e outro formado pelo Império Alemão, Áustria-Hungria e a Itália, sendo que esta última, no meio da guerra, troca de lado em favor do primeiro grupo de potências. Sobre a Primeira Guerra Mundial o historiador Eric Hobsbawm faz a seguinte citação:

"As luzes se apagam em toda a Europa", disse Edward Grey, secretário das Relações Exteriores da Grã-Bretanha, observando as luzes de Whitehall na noite em que a Grã-Bretanha e a Alemanha foram à guerra. "Não voltaremos a vê-las acender-se em nosso tempo de vida". Em Viena, o grande satirista Karl Kraus preparava-se para documentar e denunciar essa guerra num extraordinário drama-reportagem a que deu o título de *Os Últimos Dias da Humanidade*. Ambos viam a guerra mundial como o fim de um mundo, e não foram os únicos. (HOBSBAWM, 1997, p. 24)

O historiador cita um diplomata e um escritor para ajudá-lo a definir o caos da guerra, mas as duas primeiras metades do século XIX ainda veriam o caos proporcionado pela Revolução Russa de 1917. Esta revolução veio em momento em que a população russa sofria com muitos problemas sociais, a saber a pobreza gene-

ralizada entre a população camponesa, a classe operária vivia com salários miseráveis e a população como um todo era oprimida pelo já superado regime czarista, desta a forma a revolução foi o catalizador do inevitável fim da monarquia czarista. Quando os bolcheviques revolucionários chegaram ao poder levaram consigo as promessas de igualdade sociais e econômicas que a ditadura do proletariado proporcionaria a toda a população, afinal de contas o mundo vivia sob um modelo capitalista e burguês opressor e até então não havia alternativa para tal, sobre a alternativa que o comunismo apresentava na ocasião Hobsbawm faz o seguinte apontamento:

O capitalismo e a sociedade burguesa transformaram e dominaram o mundo, e ofereceram o modelo – até 1917 o único modelo – para os que não queriam ser devorados ou deixados para trás pela máquina mortífera da história. Depois de 1917, o comunismo soviético ofereceu um modelo alternativo, mas essencialmente do mesmo tipo, exceto por dispensar a empresa privada e as instituições liberais. (HOBSBAWM, 1997, p. 159)

A ascensão do comunismo na Rússia veio como uma chama de esperança, afinal de contas pregava-se a luta pela igualdade social em um sistema que seria conhecido como ditadura do proletariado, ou seja, o povo, as camadas mais humildes da população estariam no poder.

Em meio ao caos da guerra e da Revolução Russa a comunidade europeia ainda conseguia produzir arte, destacando-se nesse período as chamadas vanguardas europeias que eram movimentos artísticos que buscavam uma ruptura com o tradicional e uma nova estética nas artes. movimentos como o Cubismo de Pablo Picasso, o Dadaísmo com sua estética que pretendia chocar a bur-

guesia, o Expressionismo inquieto e subversivo, o Surrealismo com seu viés freudiano e o Futurismo influenciavam vários países mundo afora, sendo que o Brasil foi um deles. Em terra *brasilis* as vanguardas influenciaram sobremaneira o movimento modernista, "um divisor de águas" (BOSI, 2006) entre a estética relacionada ao Parnasianismo e ao Simbolismo e o que se convencionou chamar de moderno. O movimento eclodiu com A Semana de Arte Moderna, em fevereiro de 1922, em São Paulo (SP). Sobre a influência das vanguardas europeias nas artes brasileiras Alfredo Bosi faz a seguinte observação:

Em um nível cultural bem determinado, o contato com os setores mais inquietos de São Paulo e do Rio mantinham com a Europa dinamizaria as posições tomadas, enriquecendo-as e matizando-as. Começam a ser lidos os futuristas italianos, os dadaístas e os surrealistas franceses. Ouve-se a nova música de Debussy e de Millaud. Assiste-se ao teatro de Pirandello, ao cinema de Chaplin. Conhece-se o cubismo de Picasso, o primitivismo da Escola de Paris, o expressionismo plástico alemão. (BOSI, 2006, p. 325)

Os acontecimentos relativos à Semana tiveram vários desdobramentos posteriores e propiciou o encontro de várias tendências modernas, permitiu a publicação de livros e revistas, ou seja, deu oportunidade ao novo, ao moderno de apresentarem-se à sociedade. Mas não foi sem oposição que tudo isso aconteceu, o parnasiano dominante reagia

Menotti de Picchia, em seu discurso, prevê que os conservadores desejam enforcá-los "um a um, nos finos assobios de suas vaias". Mas, apesar da agitação, Menotti, orador oficial da noite, vai desfiando o ideário do grupo. (BOSI, 2006, p. 360)

A Semana da Arte Moderna expressava o que a sociedade buscava, modernidade, e esta era o oposto do que acontecia na vida política do país, no início do século XX ainda preso ao período da chamada Primeira República ou República Velha, o Brasil colhia consequências do que acontecia na Europa. O Brasil teve uma pequena participação na Primeira Guerra, embora a participação fosse insignificante, rendeu ao país um Assento na Conferência de Versalhes e que se tornasse um dos membros fundadores da chamada Liga das Nações.

Vivendo sob a denominada política dos governadores, que era um extrato do domínio de uma oligarquia rural em toda a república, a incipiente indústria começava a crescer de importância, juntamente com um grupo de profissionais liberais e militares, estes últimos com grande influência política, pois foram os proclamadores da república. É claro que as pessoas pertencentes à "nobreza fundiária" (BOSI, 2006) eram conservadoras e não viam com bons olhos essa modernidade nas artes que influenciava os cidadãos a subverterem-se.

O Brasil vivia ainda dois fenômenos importantes em sua história a urbanização e a industrialização. A primeira aconteceu quando os cidadãos começaram a deixar o campo em busca de novas oportunidades nas cidades, e, de fato a vida na cidade proporcionava mais oportunidades às pessoas. Sobre a urbanização brasileira Boris Fausto faz a seguinte observação:

Todas as cidades cresceram, mas o salto mais espetacular se deu na capital do Estado de São Paulo. A razão principal desse salto se encontra no afluxo imigrantes espontâneos e de outros que trataram de sair das atividades agrícolas. A cidade oferecia um campo aberto ao artesanato, ao comércio de rua, às fabriquetas de fundo de quintal, aos construtores autodenominados "mestres italianos", aos profissionais liberais. Como opção mais precária era

possível empregar-se nas fábricas nascentes ou nos serviços domésticos. (FAUSTO, 1995, p. 284)

As pessoas que viviam nos centros urbanos começavam a ficar politizadas e queriam participar do processo político nacional, eram inquietas e questionavam os privilégios dos grandes proprietários rurais. Sobre as mudanças na sociedade brasileira, Alfredo Bosi em sua obra *História Concisa da Literatura Brasileira* faz a seguinte anotação:

Os movimentos operários em São Paulo, durante a guerra de 1914-18 e logo depois, eram sintoma de uma classe nova que já se debatia em angustiantes problemas de sobrevivência numa cidade em fase de industrialização. E as tentativas militares de 22, de 24, e a Coluna Prestes de, em 25, significavam a reação de um grupo liberal-reformista mais afoito que desejava golpear o status quo político, o que só ocorreria com a Revolução de 30. (BOSI, 2006, p. 325)

O segundo fenômeno citado, a industrialização, está intimamente ligado à queda da lucratividade do café, o que levou a burguesia cafeeira a diversificar seu ramo de atuação, sendo que a indústria foi uma das alternativas. A industrialização caminhou de mãos dadas com a migração e a imigração e sobre o referido fenômeno Boris Fausto faz o seguinte apontamento:

É comum a referência à Primeira Guerra Mundial como um período de incentivo às indústrias, dada a interrupção da concorrência de produtos importados. Mas a década de 20 foi pelo menos tão significativa como os anos de guerra, pois nela começaram a aparecer tentativas de superar os limites de expansão industrial. Incentivadas pelo governo, surgiram duas empresas importantes: em Minas a siderúrgica Belgo-Mineira, que começou a produzir em 1924; em São Paulo, a companhia de cimento Portland, cuja produção foi iniciada em 1926. (FAUSTO, 1995, p. 288)

Muitos dos acontecimentos citados aconteceram durante o governo de Epitácio Pessoa, que teve que lidar com toda aquela agitação política e social. Nas cidades, militares, profissionais liberais e empresários lutavam por reformas profundas na então República Velha, no interior os coronéis lutavam para manter seus privilégios econômicos e sua hegemonia na política. O Rio de Janeiro, capital do Brasil à época, foi particularmente palco de alguns episódios históricos importantes como a Marcha dos Dezoito do Forte, ou revolta do Forte de Copacabana que desencadeou o chamado movimento tenentista. Este foi um movimento idealizado e realizado por militares de baixa patente, no máximo por oficiais intermediários (capitães) que questionavam a estrutura política sob a qual estava assentada a república. Sobre o movimento tenentista Boris Fausto faz a seguinte citação:

O primeiro ato de rebeldia foi a Revolta do Forte de Copacabana, ocorrida a 5 de julho de 1922. O clima de ofensas, falsas ou verdadeiras, ao Exército e a repressão contra o clube militar levaram os jovens tenentes a se rebelar, como um protesto destinado a salvar a honra do Exército. A revolta não se estendeu a outras unidades. Depois de lançar os primeiros tiros de canhão, os rebeldes sofreram bombardeios em represália e ficaram cercados. (FAUSTO, 1995, p. 307-308)

Foi durante essa conturbada época que Ismael de Lima Coutinho começou a escrever sua obra.

3. Ismael de Lima Coutinho

Ismael de Lima Coutinho nasceu em 12 de maio de 1990 em Parequema, município de Santo Amaro de Pádua, no estado do

Rio de Janeiro. Filho do modesto comerciante José Coutinho de Carvalho, dono de um armazém de secos e molhados, e da costureira D. Amélia Mascarenhas de Lima, Ismael de Lima Coutinho teve uma infância pobre e ajudava a família vendendo pães no arraial onde morava.

Muito estudioso, à noite, dedicava-se às leituras sob a luz de um modesto candeeiro. Passava tantas horas entregue aos estudos, que seu corpo magro chegou, certa vez, a furar a palha da cadeira onde se sentava.

Aprendeu com a professora local Lourença Guimarães as primeiras letras e com José Pinto de Souza, tinha aulas extras em uma modesta casa de negócios onde o professor, nas horas vagas, reunia os meninos da redondeza para ensinar.

Foi com o professor José Pinto de Souza que Ismael recebeu orientações para a leitura de bons autores tais como Padre Antônio Vieira e incentivo para continuar os estudos.

Para completar os estudos e ajudar a família financeiramente, aos 17 anos ingressou no seminário São José em Niterói. Pelos conhecimentos que já possuía, começou em série avançada e para compensar a gratuidade do seu curso, ensinava os alunos das turmas mais atrasadas.

Nos nove anos que passou no Seminário, Ismael de Lima Coutinho consolidou seus estudos de latim e grego e aprofundou seus conhecimentos sobre a língua e a gramática. Pela dedicação aos estudos e o desempenho de seu trabalho, conquistou a confiança e estima de D. Agostinho Benassi, de quem se tornou secretário particular e grande amigo.

Devido a problemas de saúde, afastou-se do Seminário. Tentou regressar, mas ao saber da morte de D. Agostinho Benassi, e por outras razões pessoais, decidiu afastar-se em 1926.

No ano seguinte, iniciou sua carreira docente no colégio Sílvio Leite no Rio de Janeiro. Em 1929, retornou à cidade natal e lecionou no Educandário José Lavaquial Biosca por dois anos, atendendo aos pedidos de seus conterrâneos. Nesse período foi convencido a se candidatar a uma vaga para a cátedra de português no Liceu de Humanidades de Campos. Apresentou duas teses, uma de livre escolha e a outra por imposição regulamentar. Os temas propostos "Problema da crase" e "Criações internas do nosso idioma" foram apresentadas com maestria e segurança.

Em 1929, casou-se com D. Catarina Tavares de Lacerda e em dezembro de 1932 concluiu o curso de ciências jurídicas e sociais pela Faculdade Nacional de Direito da Universidade do Brasil. Não exerceu a profissão de advogado devido a sua vocação e paixão pelo magistério e pelos estudos de línguas clássicas e conforme lembra Eduardo Carlos Pereira:

Durante anos, lecionou Português, latim e grego no Colégio Brasil e no Colégio Bittencourt Silva. Várias gerações de adolescentes passaram por suas magistrais aulas e, de boca em boca, de coração em coração, voava o nome do professor querido, aclamado por seus discípulos como a figura angélica de pai e conselheiro

Em 1937, assumiu o concurso para professor da escola técnica secundária da prefeitura do então Distrito Federal, chegando ao cargo de coordenador de cursos do Instituto de Educação atual Instituto Superior de Educação do Rio de Janeiro. A Niterói da época de Ismael de Lima Coutinho era importante centro urbano e

ostentava o título de Capital do Estado do Rio de Janeiro, pois a cidade do Rio de Janeiro era a capital do Brasil na ocasião e ambas as cidades compartilhavam a efervescência política das duas primeiras décadas do século XX.

Exerceu também, cargos públicos de natureza político-administrativa: foi secretário da prefeitura de Niterói, secretário de educação e cultura, membro da Comissão do Livro Didático do Ministério da Educação e presidente do Conselho Nacional de Educação. Fundou a Academia Brasileira de Filologia em agosto de 1944 e colaborou para a fundação da atual Universidade Federal Fluminense de Filosofia tendo sido o primeiro diretor eleito. Neste último estabelecimento de ensino, ministrou aulas de língua e literatura latina.

O domínio de outras línguas facultou o acesso a obras modernas lançadas na época. "Punha-se dessa forma sempre atualizado das últimas conquistas da ciência da linguagem" (ROBERT, 2011, p. 91). Mas, mesmo tendo uma atividade acadêmica e cultural intensa, deixou poucas obras escritas.

4. A produção de Ismael de Lima Coutinho

4.1. Gramática histórica

A gramática histórica lançada em 1938 com o título de *Pontos de Gramática Histórica* é o resultado das lições professadas em sala nos diversos estabelecimentos de ensino onde exerceu o magistério. As lições foram, primeiramente, publicadas em fascí-

culos. Com o incentivo de alunos e professores, as lições foram reunidas em um único volume, ficando mais econômico e resistente.

A 1ª edição esgotou-se com rapidez e a 2ª edição "melhorada" foi publicada em 1941. Já a 3ª edição, só foi publicada 13 anos após a última edição devido a razões outras que impediram o autor de submeter a obra a uma cuidadosa revisão.

Ainda que na essência, a obra continuasse a mesma, o autor, sempre atento às "lições dos críticos", corrigiu algumas falhas, ampliou capítulos e atualizou os conceitos. Mesmo com a observação de filólogos nacionais e estrangeiros de que o título era "demasiado modesto", Ismael de Lima Coutinho não alterou o nome do livro nesta edição. Antes, destinado aos alunos do curso secundário, passou a ser utilizado também por alunos que pretendiam exercer a docência de língua portuguesa.

Na 4º edição, houve alguns reparos e o acréscimo de dois capítulos: um sobre perfeitos fortes e o outro sobre elementos gregos frequentemente utilizados em português. Este último capítulo, presente na 1ª edição, retornou para atender aos programas das faculdades de filosofia e de cursos superiores de português. Nesta edição, o título foi alterado para *Gramática Histórica*, mas na folha de rosto, o nome primitivo foi mantido.

Em 1962, a *Gramática Histórica* chega a sua 5ª edição, a última publicada em vida do autor. Preocupado em fornecer ao leitor uma obra de qualidade, nesta edição, acrescentou teorias mais modernas e algumas correções foram feitas.

A *Gramática Histórica* foi publicada até a 7ª edição e sempre com edições anteriores esgotadas.

4.2. Artigos

Vários artigos publicados pelo autor tratam "de palavras que apresentam controvérsia quanto à sua etimologia" (ROBERT, 2011, p. 09). Aliás, conhecer a origem das palavras, era outra paixão do autor. O "z" do Antigo Latim, "O estudo sobre parricida", "História de uma palavra: Persona", "Estremunhar", "estremunhado" (escrito para homenagear Serafim da Silva Neto na *Miscelânea de Estudos*), "Estudos sobre a Ândria de Terêncio" (tese que o Ismael de Lima Coutinho estava trabalhando nos seus dois últimos anos de vida), "O verso hexâmetro" e notas sobre a etimologia de "escorregar, estro e escalfar" são alguns considerados inéditos.

4.3. Poesias

Ismael de Lima Coutinho deixou dois livros de poesias: *Bosquejos* e *Silhuetas. Bosquejos* possui 185 poesias produzidas entre 1919 e 1922 e possui antelóquio, índice e dedicatória, demostrando estar pronto para ser publicado. Segundo Ismael de Lima Coutinho, as poesias em *Bosquejos* foram produzidas "sem pretensões artísticas", obedecendo a "impulsos do coração". Espontâneas e escritas com linguagem simples, as poesias foram dedicadas aos pais e irmãos. *Silhuetas* tem produções de 1922 até 1925 e não apresenta itens pré e pós-textuais mas, aparecem algumas páginas em branco após os escritos, aparentando estar inacabado. Segundo Luiza Lobo (2011)

Enquanto *Bosquejos* é apresentado ao leitor como um livro íntimo e pouco pretensioso, quase uma lembrança para a família, pa-

rece-me que em Silhuetas Ismael de Lima Coutinho procurou esmerar-se ainda mais na forma (...). Aqui a temática é mais séria, mais literariamente selecionada. (LOBO, 2011, p. 22-23)

A religiosidade cristã é muito presente nas poesias do autor, principalmente em *Bosquejos*. A natureza, a vida no campo, animais, pássaros (frequente nos poemas), a família e sentimentos como tristeza, saudade, mágoa também são abordados na obra do autor.

4.4. Contos

A produção artística de Ismael de Lima Coutinho estendeuse aos contos manuscritos à tinta, a lápis ou datilografados. Dentre os contos produzidos pelo autor estão: "O negro Eugênio" (escrito especialmente para o jornal), "A pedra lisa", "Tio Jacintho", "O Benedicto", "O velho tropeiro" e o "Santo Eremita".

Em todos os contos, o autor faz referência a cenas da natureza, e, principalmente, aos pássaros. A religiosidade também é observada, especialmente no conto "O Santo Eremita". Já em "O Benedito", o autor explora valores morais e éticos quando aponta situações familiares tais como a dificuldade financeira, o trabalho e o vício. Alguns contos apresentam um perfil social como "O negro Eugênio" e "Pedra lisa" que abordam a situação do negro.

Mesmo pequenas diante da sua intensa atividade cultural, as produções de Ismael de Lima Coutinho demostram simplicidade aliada a um amplo conhecimento da língua, apresentando sentenças bem construídas.

5. Conclusão

Este capítulo buscou contextualizar o período histórico em que Ismael de Lima Coutinho viveu e principalmente produziu suas obras acadêmicas e literárias. Além disso, pretendeu-se explanar um pouco sobre a vida do autor e suas obras.

Em um período marcado pela Revolução Russa e pela Primeira Guerra Mundial, Ismael de Lima Coutinho construiu o seu saber dedicando longas horas em estudos e leituras. No Seminário, onde permaneceu por nove anos, aprofundou seus conhecimentos sobre a língua e sobre a gramática. Ao deixar o Seminário, ingressou na docência onde permaneceu até sua morte.

Sua principal obra, a *Gramática Histórica*, com sucessivas edições esgotadas, teve o reconhecimento de especialistas como Joaquim Matoso Câmara Jr. que considerou o livro de "alto nível" (VALLE, 2001, p. 37).

Ismael de Lima Coutinho "não se insere na revolução modernista brasileira", como se vê em seus contos e em suas poesias, segundo escreveu Luiza Lobo (2011, p. 16). Influenciado especialmente por Olavo Bilac, o autor abordou com simplicidade temas como a religiosidade cristã, a natureza e a família. Já os artigos escritos pelo autor, demostram seu amplo conhecimento de assuntos linguísticos, explanados com grande maestria.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BOSI, Alfredo. *História concisa da literatura brasileira*. São Paulo: Cultrix, 2006.

COUTINHO, Ismael de Lima. *Pontos da gramática histórica*. 7. ed. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1976.

FAUSTO, Boris. História do Brasil. São Paulo: Edusp, 1995.

HOBSBAWM, Eric. *A era dos extremos*: o breve século XX. São Paulo: Cia. das Letras, 1995.

LOBO, Luiza, A voz espiritual de Ismael de Lima Coutinho. In: COUTINHO, Ismael. *Silhuetas*. Edição, apresentação e Notas de José Pereira da Silva. Prefácio de Luiza Lobo. Rio de Janeiro: Botelho, 2011. Disponível em:

< http://www.filologia.org.br/homenageados/ic/cd/silhuetas/a_voz espiritual LUIZA.html>.

PEREIRA, Durval de Almeida Baptista. *Depoimento para a história da vida e da obra de Ismael de Lima Coutinho*. Disponível em: http://llp.bibliopolis.info/confluencia/wp/?p=1758> e em http://www.filologia.org.br/homenageados/ic/depoimentos_parahistoria.pdf>. Acesso em: 09/10/2016.

ROBERT, Maria Teresa Coutinho. Ismael de Lima Coutinho e os estudos linguísticos no Brasil. *Revista Philologus*, Rio de Janeiro: CIFEFIL, ano 17, n. 50, p. 88-103, maio/ago. 2011. Disponível em: http://www.filologia.org.br/revista/50/05.pdf>.

VALLE, Rosalvo do. Um inédito do Prof. Ismael de Lima Coutinho: estremunhado. *Confluência: Revista do Instituto de Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro, 2001.

REFLEXÕES SOBRE A ORTOGRAFIA NO CONTO "TIO JACINTHO", DE ISMAEL DE LIMA COUTINHO: UMA ABORDAGEM A PARTIR DA HISTORIOGRAFIA LINGUÍSTICA

Fernanda Viana de Sena Giselle Vasconcelos dos Santos Ferreira Nataniel dos Santos Gomes

1. Introdução

Seguindo a historiografia da ortografia da língua portuguesa, percebe-se que, em tempos, ela sofria mudanças. As palavras tinham ápices de entusiasmo sob influência etimológica ou tendiam à primitiva simplicidade. Uma das particularidades da variabilidade ortográfica portuguesa decorre do fato dessa representar a fala que é dinâmica e varia de acordo com o contexto. Diante do reconhecimento da falta de uniformidade da língua escrita e a partir dos estudos da ortografia portuguesa, o trabalho de Gonçalves Viana, *Ortografia Nacional*, tem servido de viés teórico a todas as reformas com tendência simplificadora. Não se pode tratar de ortografia hoje sem render homenagens ao foneticista luso. (COU-TINHO, 1976) O escopo desse capítulo é articular um estudo diacrônico da ortografia da língua portuguesa no século XX, nos moldes da ortografia vigente na obra de Ismael de Lima Coutinho, o conto "Tio Jacintho". Esse conto faz parte dos seis contos anotados ou revisados pelo autor, inclusive com um índice (cuja folha se partiu, perdendo-se a segunda metade), em que eles são relacionados para uma possível publicação, sob o pseudônimo de João das Chagas. Provavelmente os contos foram escritos entre 1919 e 1925, durante o período de quase dez anos que Ismael de Lima Coutinho viveu em reclusão no Seminário São José, em Niterói, dos dezessete aos vinte e seis anos de idade. (SILVA, 2011)

O estudo está assentado nas gramáticas de Eduardo Carlos Pereira e Evanildo Bechara. Esta que, por sua vez, traz as normas ortográficas vigentes, o acordo ortográfico de 1990 e aquela que serviu de recurso e suporte aos nomes da literatura nacional, especificamente, Ismael de Lima Coutinho.

Notabiliza-se que a língua é a mesma, o que mudou foi a modalidade escrita da língua portuguesa. Essa mudança é, apenas, uma convenção social com objetivos políticos, não representa, assim, um problema linguístico. Não obstante, esse fato faz com que obras anteriores à nova ortografia causem um certo desconforto por parte daqueles que não conheceram a ortografia vigente no momento em que a obra de Ismael de Lima Coutinho foi redigida. E àqueles que investigam essa metamorfose, o fenômeno de comparação traz ao pesquisador evidências do contexto ortográfico presente na obra citada e, além disso, é possível, precipuamente,

¹ Disponível em: < http://www.filologia.org.br/homenageados/ic/tio_jacinto_conto.pdf>.

identificar as mudanças ocorridas na escrita da língua portuguesa. A ortografia não é uma preocupação dos usuários dessa modalidade, mas a simplificação/unificação da escrita entre os países que utilizam a língua portuguesa sempre foi um intento meramente político e econômico.

Ismael de Lima Coutinho, ao escrever seus contos e poesias, seguia a norma ortográfica da gramática de Eduardo Carlos Pereira. Mas, a partir de estudos linguísticos e trabalhos no magistério, elaborou sua obra *Pontos de Gramática Histórica*. No tocante às regras ortográficas, nada havia mudado até então. Portanto, há semelhanças entre a *Gramática* de Ismael de Lima Coutinho e a de Eduardo Carlos Pereira. Ambos falam dos fundamentos de Gonçalves Viana. No próximo item, apresentaremos os sistemas da ortografia segundo Eduardo Carlos Pereira.

2. A ortografia na *Gramática Expositiva* de Eduardo Carlos Pereira

Segundo Eduardo Carlos Pereira², o termo ortografia (grego orto = correta / grafia = escrita) é a transcrição de vocábulos aceita por bons escritores de uma língua. A ortografia ata-se à fonética, assim como a língua falada à escrita. A dificuldade, desde então, é estabelecer um padrão diante dos matizes da ortografia, Eduardo Carlos Pereira reconhecia essa dificuldade de se conceber um padrão de ortografia. Tanto em sua gramática histórica quanto em sua gramática expositiva, trata dos sistemas: fonético, etimológico

⁻

² As definições e citações de Eduardo Carlos Pereira foram atualizadas de acordo com o sistema ortográfico vigente.

e misto ou usual. Cada sistema de ortografia possui uma característica e representa um contexto, fazendo com que escritores se adaptassem às tendências e, até mesmo, modificando-as. Isso fazia com que a ortografia passasse por oscilações.

2.1. Sistema fonético

Burggraff (*apud* PEREIRA, 1935) afirma que a grafia ou a arte de escrever, tem passado por quatro fases evolutivas: figurativa, simbólica, ideológica e fonética. Esta última surge com o advento da invenção da escrita e, presumivelmente, o sistema primitivo teve suas ocorrências em documentos da nossa língua. Havia, nesse período, manifestações dúbias de algumas palavras, como é o caso de *hidade/idade/ydade* e *homem/omem/ome*, as produções oriais eram representadas pelas escritas e estas variavam de acordo com o tempo e a geografia. Necessariamente, o que importava, no sistema fonético, era coincidir cada fonema com uma letra. Justamente por não haver um padrão de ortografia estabelecido, os usuários dessa modalidade escreviam como falavam, a constante mudança de pronúncia determinava a variedade ortográfica.

2.2. Sistema etimológico

Eduardo Carlos Pereira afirma em sua *Gramática Histórica* que o sistema etimológico é mais um pendor do que um sistema, a grafia não representava exatamente os sons, porém era determinada pela forma histórica originária. Os vocábulos desse contexto enquadravam-se segundo os grupos consonantais homogêneos ou

geminados – formados por consoantes idênticas *ll, ff, bb, cc, gg,* entre outros – e heterogêneos, formados por consoantes diversas *pt, ct,* entre outros. Esse sistema encontrou grandes dificuldades, pois havia o desconhecimento da origem dos vocábulos (*metter, fallar esculptura, astma, character*) e os erros ortográficos frequentes eram determinados por falsas etimologias.

2.3. Sistema usual ou misto

Nesse período objetivou-se harmonizar as normas ortográficas entre Brasil e Portugal. E era de se esperar que os utilizadores mesclassem os sistemas ortográficos fonético e etimológico devido à falta de uniformidade da escrita. Essa combinação marcaria o início de um novo sistema com tendência híbrida resultante de sistemas anteriores. Alguns escritores utilizavam rigorosamente a etimologia e outros tendiam à fonética.

Ismael de Lima Coutinho (1938) desenvolve sua obra *Pontos de Gramática Histórica* e esclarece a historicidade da ortografia sob a mesma ótica de Eduardo Carlos Pereira. A seguir apresentaremos os períodos da ortografia segundo Ismael de Lima Coutinho, já que é o autor do conto que serviu de base para o *corpus* do presente capítulo.

3. Períodos da ortografia segundo Ismael de Lima Coutinho

Ismael de Lima Coutinho desenvolve seus estudos gramaticais a partir das gramáticas expositivas e históricas de Eduardo Carlos Pereira. Faremos a abordagem da *Gramática Histórica* de

Ismael de Lima Coutinho justificando as tendências que ele utilizou no conto "Tio Jacintho". Segundo o filólogo, a história da nossa ortografia divide-se em três períodos: o fonético, o pseudoetimológico e o simplificado.

3.1. Período fonético

No período fonético, as palavras eram grafadas mais ou menos de acordo com a pronúncia, entretanto, ocorriam manifestação do tipo: hidade/idade/ydade, sem nenhuma sistematização criteriosa. Em alguns momentos, havia uma certa infidelidade gráfica, pois o material produzido pela fala não era recepcionado de igual modo entre os ouvintes, a partir daí, cada um escrevia de acordo com aquilo que escutava. Nesse período não havia um padrão na transcrição das palavras. Num documento, às vezes, apareciam os mesmos vocábulos grafados de modo diferente, como pode ser observado em homem/omem/ome. Diante disso, a preocupação fonética transparecia a cada momento. A escrita era a representação da fala, uma imagem acústica percebida e representada graficamente.

O objetivo dos escritores ou copistas da época era facilitar a leitura, dando ao leitor uma impressão, tanto quanto possível da língua falada (COUTINHO, 1976). Por mais que a escrita avançasse entre os usuários, era improvável que esta acompanhasse a evolução da língua oral que, por sua vez, aufere constantes transformações. Este período começa com os primeiros documentos redigidos em português e estende-se até o século XVI. A fim de elucidar o período, a escrita fonética assemelha-se ao momento da al-

fabetização de uma criança que não domina a ortografia de sua língua, ela escreve como fala.

3.2. Período pseudoetimológico

O eruditismo dos séculos XVI a XVIII era a dominação desse período da escrita. Havia a preocupação etimológica dos vocábulos que, muitas das vezes, não coincidiam com a real origem desses. Portanto, duplicavam-se as consoantes intervocálicas e inventavam-se símbolos extravagantes, a pretexto de uma aproximação artificial com o grego e o latim, esse fato possui um critério pretensioso que contrariava a própria evolução das palavras.

O objetivo desse tipo de grafia era respeitar as letras originárias das palavras, mesmo que tais letras não representassem nenhum fonema, como é o caso do h nos vocábulos *Contrahido*, *comprehendeu*, entre outras ocorrências no conto. O que caracteriza este período é o emprego de consoantes geminadas *aquella*, *effeitos* e insonoras, de grupos consonantais chamados gregos *Jacintho*, *apotheose*.

Inicia-se no século XVI, esse momento, com os primeiros tratados de ortografia. Pêro de Magalhães de Gândavo publica Regras de Escrever a Ortografia da Língua Portuguesa e Duarte Nunes do Leão, Ortografia da Língua Portuguesa. No século XVII, surgem Álvaro Ferreira de Vera, autor da Ortografia ou Modo para Escrever Certo na Língua Portuguesa e João Franco Barreto, que publica a Ortografia da Língua Portuguesa. Madureira Feijó, no século XVIII, publica a Ortografia ou Arte de Escrever e Pronunciar com Acerto a Língua Portuguesa e Monte

Carmelo é o autor de *Compêndio de Ortografia*. (COUTINHO, 1976)

Nesse período ortográfico, não só os novos vocábulos entraram no léxico com aspecto alatinado, mas também os vocábulos antigos. As palavras *dino*, *benino* e *malino*, por exemplo, receberam a letra -g- e passaram a ser escritas e pronunciadas assim: *digno*, *benigno* e *maligno*. A princípio apenas um sinal etimológico, vindo do latim, que pseudoetimologistas restabeleceram em tais palavras. Além da suposta influência latina, houve uma vasta imitação ortográfica do francês, no momento em que surge o Renascimento. Ou seja, escritores nacionais tendiam para o formalismo europeu a fim de moldar o estilo literário nativo ao que estava em ascensão.

3.3. Período simplificado

No terceiro período, que assinala a renovação dos estudos linguísticos em Portugal, Aniceto dos Reis Gonçalves Viana, foneticista, depois de algumas tentativas, consegue apresentar um sistema racional de grafia, com base na história da língua. De conformidade com os princípios por ele estabelecidos, há dois sistemas simplificados: o português e o luso brasileiro.

Brasil e Portugal, por intermédio de seus governos, começaram a pensar nos chamados acordos ortográficos, a fim de desfazer a indecisão na escolha de um ou outro tipo ortográfico, simplificando, contudo, ao máximo o sistema de grafia. Nessa fase, Gonçalves Viana determina os princípios que devem regular qualquer sistema de simplificação. São estabelecidos, segundo Ismael de

Lima Coutinho (1976), os seguintes princípios: Total eliminação dos símbolos de etimologia grega, *th, ph, ch, rh, y*. Redução das consoantes dobradas, com exceção do *rr* e *ss* mediais, que têm valores peculiares. Eliminação de consoantes nulas, quando não influenciam na pronúncia da vogal que as precede. No conto de Ismael de Lima Coutinho, conta-se com tais manifestações: *esculptural, distinctamente, direcções*. Regularização da acentuação gráfica.

Entende-se com a exposição fundamentada diacronicamente que, basicamente, o período simplificado orienta-se pela pronúncia, fator fonético, pela etimologia e pelo elemento histórico, este que por sua vez, adquiriu-se ao longo do caminho que a própria língua percorreu.

Em 1911, Brasil e Portugal estabeleceram suas reformas, seguindo caminhos diferentes (DUARTE, 2003). Em 1931, tentaram realizar um acordo, porém o projeto não avançou. O Brasil passou a adotar o sistema ortográfico de 1943 e Portugal de 1945. Em 1990 estabeleceu-se um novo acordo ortográfico para pôr fim à duplicidade da ortografia portuguesa, o acordo entrou em vigor em 2009, porém foi estabelecido um prazo de adaptação para os livros didáticos inserirem as modificações necessárias e para os usuários da língua portuguesa acostumarem-se com a nova realidade da modalidade escrita.

4. Fenômenos abordados: o uso do *h*, *th*, *ph* e das consoantes geminadas em Eduardo Carlos Pereira

Os fenômenos de uso do *h*, *th*, *ph*, e das *consoantes geminadas* são recorrentes no conto de Ismael de Lima Coutinho. Todavia a gramática expositiva de Eduardo Carlos Pereira, gramática

da época, faz uso desses fenômenos e não justifica tais fenômenos. Apenas na gramática histórica do autor, a proscrição absoluta dos símbolos gregos é citada e o h aparece, em português arcaico, sem razões etimológicas, como exemplo, he, ho, ha, hum, hontem, hombro, húmido, atualmente, é, o, a, um, ontem e úmido. Eduardo Carlos Pereira (1946, p. 21) diz que "suprime-se o h dos grupos ph, rh, th: filosofia, retórica, entusiamo". A partir de estudos anteriores à gramática de Eduardo Carlos Pereira, podemos observar que há respaldos para tais usos nos estudos de Duarte Nunes Leão em sua obra Ortografia e Origem da Língua Portuguesa. A seguir, iremos desenvolver as justificativas dos fenômenos ortográficos, de acordo com Duarte Nunes Leão, já que Eduardo Carlos Pereira apenas apresenta as regras, sem uma explicação.

4.1.O uso do h, th e ph

Segundo Duarte Nunes Leão (1576, p. 59), "o *h* não é letra mais que na figura. Junto a letras, é uma aspiração ou assopro". Os portugueses não utilizam a aspiração na pronunciação, mas na escritura. Exemplo disso é: *homem, honra, hora*, entre outros. Mesmo que não ocorra a aspiração, a ocorrência do *h* era necessária para guardar a ortografia dos nomes latinos e gregos, a fim de se conhecer a origem e etimologia dos vocábulos.

Interessante é notar que a localização do h junto a vogais e a consoantes ocorre de maneiras distintas. O h antecede as vogais, $como\ homem,\ hora,\ honra,\ e$ sucede as consoantes, como $Philoso-fia,\ Theologia$. Essa notação não abrange as interjeições ah! e oh! (Significativas de temor e admiração).

4.1.1.Contrahido, comprehendeu

Percebemos no conto de Ismael de Lima Coutinho a ocorrência de h em sílaba tônica junto a vogal i — a palavra é *contrahido* (*latim contraho,-ere, reunir, juntar, diminuir, apertar, causar*). A justificativa do h nesse caso é, apenas, para marcar a origem, etimologia latina do vocábulo.

Observamos também a palavra *comprehendeu*, composição latina a partir da preposição *cum* (com- em companhia de) e o verbo *prehendo*, *-is*, *-di*, *-sum*, *prehendere* (agarrar, apanhar).

4.1.2. Jacintho, apotheose

Duarte Nunes Leão afirma que o *th* dos gregos aspirado nas dicções gregas é usado em *Theologia, Theórica, Thomás*, os portugueses não acrescentaram ao alfabeto nem os Latinos ao seu.

A qual letra nós não acrescentamos ao nosso alfabeto, nem os Latinos ao seu. Porque não temos figura que denote, como os Gregos, que lhe dão uma só figura assim: \circ , mas figuramo-la com o t e h, com a qual aspiração se afrouxa a pronunciação do t. (LEÃO, 1576)

No conto de Ismael de Lima Coutinho, "Tio Jacintho", notase a presença do *th* no título do conto. A ocorrência se justifica por se tratar de nomes próprios que guardam as características de sua origem ou marcas de um pseudoetimologismo. Fato que Ismael de Lima Coutinho aborda em sua *Gramática Histórica*, fenômeno de empolgação ortográfica dos escribas.

4.1.3. Saphira

A palavra *safira*, sf. Pedra preciosa, variedade transparente do corindo, de cor azul brilhante em diversos tons, e muito dura. (*Dicionário online de Português*) está grafada no conto com *ph* no lugar do *f* e a razão etimológica é grega.

Em 1907, a Academia Brasileira de Letras aprovou a reforma ortográfica e um dos seus artigos citava a proscrição de consoantes insonoras, que é o caso do h, e dos grupos gregos substituindo-os por consoantes simples correspondentes. Esses grupos são o th, ph, ch e rh, para exemplificar tínhamos as palavras: orthographia, philosophia, orchestra e rhetorica, passaram a ser escrita com consoantes simples, ortografia, filosofia, orquestra e retórica.

Mesmo com esse projeto de reforma e simplificação da ortografia portuguesa, a escrita etimológica aparecia, frequentemente, em textos mais contemporâneos. O conto de Ismael de Lima Coutinho nos mostra que resquícios do passado se faziam presentes na ortografia da época.

4.2. Consoantes geminadas

Duarte Nunes Leão (1576) denota que algumas letras se dobram nas dicções por natureza das palavras, outras por derivação, outras por significação, outras por corrupção, outras por variação, outras por composição. As que se dobram por natureza não se pode dar regra, os vocábulos foram compostos à vontade de quem os inventou.

Os grupos consonantaes são formados pelo contacto de consoantes no corpo do vocábulo, quer pertençam á mesma syllaba, quer não. Quanto á posição, podem ser *iniciaes* e *mediaes*, e quanto á procedencia e composição dividem-se em: latinos, românicos, próprios, homogêneos e heterogêneos. (LEÃO, 1576)

Iremos abordar, a seguir, os vocábulos com consoantes geminadas (homônimas) e os grupos consonantais heterônimos presentes no conto "Tio Jacintho", de acordo com a *Gramática Histórica* de Ismael de Lima Coutinho.

- I Grupos homônimos com L aquella, alli, daquelle, estrellas, cabellos, elle, naquelle, intervallos, belleza, colar, fallaciosa, bellissimo. De acordo com Duarte Nunes Leão (1567), esses vocábulos têm o l dobrado por natureza das palavras sem regra geral.
- II Grupos homônimos com F effeitos, a razão de tal grafia se dá pelo composto da preposição ex, se eles começam em f. sufficiente, dá-se pelo composto da preposição sub.
- III Grupos homônimos com C succediam, todos os verbos, que começando em c se compuseram com estas preposições ob, sub, e os descendentes deles. No caso de acceso, dobram os verbos que, começando na dita letra, se compuseram com a preposição ad.
- IV Grupos homônimos com P appareceu, supplicando, p dobram os verbos compostos que, tendo p no princípio, se compuseram com as preposições ab, ob, sub.
- V Grupos homônimos com T attenção, attracção, não há regra ao uso dobrado da consoante t.

VI – Grupos heterônomos – no grupo *pt,ct cç* dá-se, muita das vezes, a vocalização do primeiro elemento, ocorrência em *esculptural, distinctamente,direcções*.

A partir da exteriorização teórica dos gramáticos citados, o conto evidencia-nos que a escrita da época apresentava notações sistemáticas simultâneas e, a partir das mudanças da escrita, iremos analisar o que a gramática vigente, a *Moderna Gramática Portuguesa* de Evanildo Bechara, traz concernente às regras de escritura de algumas palavras. É imprescindível destacar que o presente estudo recorta apenas os casos de usos de consoantes geminadas ou não e do símbolo etimológico.

5. A ortografia em Bechara

A ortografia portuguesa nesse manual linguístico segue as tendências simplificadoras dos países lusófonos. Sabe-se que, diante do novo acordo ortográfico, o Brasil sofreu mudanças não nucleares e isso não modifica todo sistema ortográfico, apenas alguns. Porém, não há o que se falar em Acordo Ortográfico, pois a abordagem do conto foi em relação ao uso das consoantes. E isso será analisado por Evanildo Bechara em pontos específicos. Vejamos a seguir as ocorrências, segundo Evanildo Bechara (2009)

5.1. O uso do H

Evanildo Bechara (2009) diz que "esta letra não é propriamente consoante, mas um símbolo que, em razão da etimologia e da tradição escrita do nosso idioma". A recorrência desse símbolo

dá-se de duas formas no interior das palavras, ora formando fonemas palatais (ch, nh, lh) ora na derivação prefixal, onde o segundo elemento possui h inicial etimológico, para exemplificar, temos as palavras $pr\acute{e}$ - $hist\acute{o}rico$, sobre-humano, entres outras. Além disso, o ph é substituído por f, em nossa ortografia vigente e, de um modo geral, Evanildo Bechara diz que quando a etimologia não justifica o uso do h, não se emprega.

5.2. Consoantes heterogêneos

Evanildo Bechara chama os grupos heterogêneos de consoantes mudas e diz que "conservam-se as consoantes nos casos em que são invariavelmente proferidas nas pronúncias cultas da língua: *compacto, convicção, ficção, adepto, apto*, entre outras" (BECHARA, 2009). Os casos de não pronunciação foram extintos, exceto o s em palavras como *descer* e o *x* em vocábulos como *excerto*, entre outros.

5.3. Consoantes geminadas

Desde os princípios de base simplificadora de Gonçalves Viana, as letras dobradas, muito recorrentes no conto "Tio Jacintho", tinham tendência à redução. Com exceção do rr e do ss, pois esses figuram um som diferenciado de consoantes simples. Duplicam-se, também, todas as vezes que a um elemento de composição terminado em vogal se segue, sem interposição do hífen, palavra começada por uma daquelas letras: ressentimento, sacrossanto, autorregulação, minissaia, entre outras.

6. Conclusão

Considerando que a gramática de Evanildo Bechara está atualizada de acordo com a nova ortografia de 1990, a exploração dos pontos em estudo no conto "Tio Jacintho", de Ismael de Lima Coutinho foi reduzida pelo fato de muitos casos ortográficos terem assumido a forma arcaica. Mesmo assim, foi necessário um estudo da gramática moderna de Evanildo Bechara afim de elucidar os avanços da ortografia no Brasil e corroborar a existência de vários períodos da ortografia notificando a relação entre texto e história. No conto, percebemos a historicidade marcada nas palavras de Ismael de Lima Coutinho, ao ponto de assumir o lugar de pesquisador da gramática histórica tratando assim, em particular, da ortografia histórica. O que se conclui a partir desse estudo é que, mesmo com a forma arcaica de alguns vocábulos no conto, o texto não deixa de ser claro e compreensível, visto que as variedades dizem respeito às notações ortográficas e não fonéticas. Isso era de se esperar, o fato é que os documentos são as maiores provas que elucidam a história de um povo e de sua língua. As manifestações ortográficas no conto são base de estudo para historiadores e linguistas que se interessam na arte de escrever.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BECHARA, Evanildo. *Moderna gramática portuguesa*. 37. ed. Revista, ampliada e atualizada conforme o novo Acordo Ortográfico. Rio de Janeiro: Fronteira, 2009.

COUTINHO, Ismael de Lima. <i>Contos ingênuos de João das Chagas</i> . Rio de Janeiro: CiFEFiL, [2011, no prelo]
<i>Pontos de gramática histórica</i> . 7. ed. rev. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1976.
LEÃO, Duarte Nunes. <i>Ortografia e origem da língua portuguesa</i> : introdução, notas e leitura de Maria Leonor Carvalhão Buescu. Lisboa: Imprensa Nacional / Casa da Moeda, 1983.
PEREIRA, Eduardo Carlos. <i>Gramática expositiva</i> : curso elementar. São Paulo: Cia. Ed. Nacional, 1946.
<i>Gramática expositiva</i> : curso superior. São Paulo: Cia. Ed. Nacional, 1958.
SILVA, José Pereira da. <i>A nova ortografia da língua portuguesa</i> . Niterói: Impetus, 2009.
(Org.). Espólio de Ismael de Lima Coutinho. Edição digitalizada de seus inéditos e dispersos, manuscritos e datiloscritos, além de sua produção literária. Rio de Janeiro: JM Botelho, 2011.
TEYSSIER, Paul. <i>História da língua portuguesa</i> . São Paulo: Martins Fontes, 1982.
VIANA, Aniceto dos Reis Gonçalves. <i>Ortografia nacional</i> . Lisboa: Tavares Cardoso, 1904.

O PROCESSO DE DERIVAÇÃO DE PALAVRAS EM EDUARDO CARLOS PEREIRA E EVANILDO BECHARA: UM OLHAR HISTORIOGRÁFICO

Izadora Thais Marinho de Andrade Maria Lucia Loureiro Paulista

1. Introdução

A historiografia linguística busca respostas em documentos escritos para tentar compreender o processo de evolução das línguas e suas possíveis mudanças conforme Neusa Maria Oliveira Barbosa Bastos e Palma (2004).

O desenvolvimento gradual das ciências da linguagem segundo Theodor Benfey (*apud* COUTINHO, 1976, p. 15-16) descobriu quatro fases bastante distintas, que estudam os fatos da língua e seu desenvolvimento até a atualidade. São elas a fisiológica, a filosófica, a histórica e a comparativa. O momento fisiológico é caracterizado pelos trabalhos dos gramáticos indianos, cuja preocupação era analisar minuciosamente os sons do sânscrito. Panini (cerca do século IV a.C.) foi o responsável pelo estudo do valor e do emprego das palavras, traçando as principais regras fonéticas e gramaticais dessa língua. Já na fase filosófica é demonstrada uma

preocupação dos pensadores gregos acerca dos estudos da linguagem. A natureza deste estudo era puramente filosófica, pois queriam saber como a linguagem era em si, e qual era sua origem, e como era sua relação entre a palavra e a coisa estudada, ou seja, "se a linguagem foi criada pela natureza ou por meio de uma convenção". O *Crátilo* de Platão demonstra essa preocupação filosófica. (LEROY, 1971, p. 18-19).

Conforme Ismael de Lima Coutinho (1976, p. 16), a fase histórica da gramática, denuncia a existência de trabalhos que tendem a explicar a origem e as transformações sucessivas de uma língua. E só imobilizam os chamados idiomas *mortos* ou *extintos*, pois as outras *vivas*, línguas faladas, e ou escritas, estão em contínuo movimento. Sendo então a gramática comparativa, instrumento para estudo que busca explicar as diferenças consideráveis dos fatos gramaticais, e ou, linguísticos.

Ismael de Lima Coutinho por meio de seus conceitos de língua (linguagem particularmente usada por um povo) e linguagem (conjunto de sinais de que a humanidade intencionalmente se serve para comunicar suas ideias e pensamentos) nos apresenta os objetos teóricos de ordem gramatical que resulta na análise dos processos de derivação das palavras de seu texto intitulado *Discurso do Dia da Bandeira*. A intenção da análise é penetrar na estrutura da produção literária de Ismael de Lima Coutinho e fazer um contraponto entre as gramáticas de Evanildo Bechara e Eduardo Carlos Pereira.

Segundo Miguél Eugenio Almeida (2007, p.18), a relação entre a historiografia linguística e a história apresenta pontos de

contato mediados pela linguagem, que se encarrega de fazer a ponte. A proposta de análise do texto *Discurso do dia da Bandeira* nos remete ao fato histórico da Proclamação da República Federativa do Brasil, o qual contribui para a contextualização historiográfica da obra de Ismael de Lima Coutinho, em que demonstra a vida social e política da nação brasileira em um determinado espaço de tempo, um quadro existente e registrado por meio de dados linguísticos, e ou, históricos. Ismael de Lima Coutinho faz um diálogo da ciência linguística (gramática histórica) com a história do Brasil, mostrando a importância da história que inspira a historiografia linguística no sentido de buscar a memória na gramaticografia vernácula através de fatores documentais, com a intenção de denunciar os anseios de um povo, os seus ideais, políticos, sociais, públicos e de liberdade.

A penetração da estrutura da obra, segundo os princípios Ernst Frideryk Konrad Koerner (1996), afirma Miguél Eugenio Almeida (2007, p. 21-23), permite um diálogo imprescindível para análise do objeto. Momento em que ocorre uma interdisciplinaridade entre os elementos de reflexão das ciências correlacionadas; permitindo a busca da reconstrução e elucidação do passado que acontece por meio dos registros da língua no decorrer da história. A metodologia desenvolvida sobre o princípio da *imanência* e *adequação* provoca um entrelaçamento entre o passado (na gramática de Eduardo Carlos Pereira) e o presente (na gramática de Evanildo Bechara).

Buscar na historiografia linguística os processos de derivação na formação de palavras ocorrentes na gramática (Morfologia) no texto de Ismael de Lima Coutinho, é buscar na história a identificação cultural de um povo que celebra a liberdade. A seguir, tratamos dos aspectos morfológicos em Eduardo Carlos Pereira e Evanildo Bechara na obra *Discurso do dia da Bandeira* de Ismael de Lima Coutinho.

2. Aspectos morfológicos em Eduardo Carlos Pereira

Eduardo Carlos Pereira, na condição de educador, exerceu por meio de sua *Gramática Expositiva*, a formação de muitos alunos em nível básico, cumprindo o papel social da língua.

Nessa obra nota-se um predomínio de aspectos gramaticais expostos de maneira didática seguidos de exercícios práticos. A natureza da gramática demonstra estar a serviço do recurso didático para o ensino da língua portuguesa, amplamente percebido pelos exercícios de fixação. Desse modo, fixar as noções e os elementos de gramática torna-se um meio prático de assimilação da proposta apresentada. Como o próprio autor ressalta em seu prólogo:

Quanto ao nosso método expositivo, dous princípios nos serviram de fio conductor através da multiplicidade e mobilidade dos fenômenos grammaticaes: a) não partir a grammática em pequenos, multiplicando ao extremo as divisões e subdivisões com grave detrimento da clareza; b) classificar factos e prendel-os na unidade de um todo harmônico. (PEREIRA, 1907, p. 1)

Para Eduardo Carlos Pereira cabe a morfologia estudar a palavra em seu elemento imaterial, isto é, em sua ideia ou significação. "As diversas modalidades morfológicas podem ser estudadas em duas partes denominadas: taxionomia e etimologia". (PEREIRA, 1907, p. 14)

A primeira refere-se às diversas classes de palavras e suas propriedades em relação à ideia que exprimem, já a segunda estuda a origem e a formação do léxico, isto é, do vocabulário da língua.

[...] O português é a transformação do latim popular, através de 2.000 anos mais ou menos. A conquista da Península Ibérica pelos romanos, 200 anos antes Pereira, determinou a evolução lenta do latim popular ou castrense (castra = quartéis) falado pelos soldados das legiões conquistadoras, e modificado paulatinamente, em seus sons e formas, pelas populações conquistadas, até constituir-se da bela língua que serve de veículo aos nossos pensamentos. (PEREIRA, 1907, p. 155)

O vocabulário do latim vulgar foi prodigiosamente ampliado, no decurso de sua evolução histórica de três modos: por derivação e composição popular, por formação erudita ou por importação estrangeira, nesse caso a gramática expositiva estuda apenas os processos de derivação e composição (PEREIRA, 1907, p. 156), a derivação se classifica em própria ou imprópria (*Idem, ibidem*).

A derivação própria faz-se por meio de sufixos que aglutinados ao tema das palavras primitivas que lhes modifica a significação, determinando-a, por exemplo: *guerr+a, guerr+ear, guerr+eiro, guerr+ilha*, os sufixos têm significação própria, pois trazem sentido à palavra primitiva, porém este valor significativo essa vida própria só se revela em conjunção com o tema. Separado do tema o sufixo não tem vida própria esses podem ser nominais ou verbais, aqueles formam nomes substantivos ou adjetivos e estes verbos.

Chama-se derivação imprópria, a mudança que sofre a palavra no sentido ou na categoria gramatical sem a intervenção de sufixos. Dessa maneira, formam-se substantivos, adjetivos, preposições, advérbios, conjunções e interjeições. (PEREIRA, 1907, p. 156-157)

Os prefixos, quanto a sua origem, são vernáculos, gregos ou latinos. Vernáculos são os prefixos latinos que tiveram sua forma modificada. Exemplos: bem=bene, em=in, os latinos são os prefixos que conservaram suas formas primitivas intactas. Exemplos: inter, intro, supra. Gregos são geralmente partículas antepostas a palavras da mesma língua. Exemplos: a, anti, an. (Idem, p. 171)

O que podemos presenciar na obra de Ismael de Lima Coutinho é a existência de várias palavras formadas a partir do processo de derivação. No âmbito morfológico, o texto do autor serve de instrumento para análise das já citadas ocorrências oriundas dessa formação, pois exprime a gramática nele contida.

Além disso, ele leva o leitor ao contato com os escritores, para que estes sirvam de modelo de expressão da língua vernácula. Impressiona-nos a capacidade do autor Ismael de Lima Coutinho ao mostrar a riqueza da expressão da língua em seus escritos como orador, já naquela época, facilitando e criando uma maior compreensão do funcionamento e do uso dos processos de formação das palavras.

Ressaltamos um dos méritos do autor que é a exploração de vários vernáculos eruditos. Sendo ele professor, gramático e filólogo, facilitou o trabalho com as questões de gramática pertinentes ao processo de derivação.

Nota-se em sua obra um zelo pela língua, até mesmo por conviver em um meio de efervescência acadêmica. Entendemos assim que o momento de produção das obras desse autor é pertinente aos valores de educação tradicional, que enaltece a forma em detrimento à fala. Portanto, podemos dizer que Ismael de Lima Coutinho enfatiza o bem falar e o bem escrever. Notamos isso quando ele compõe seu discurso destinado ao dia da bandeira:

Aqui estamos gloriosa Bandeira Nacional, com os olhos fitos na policromia do teu tecido, contemplando, cheios de desvanecimento, o teu perfil augusto. Sentimos verdadeiros estremecimentos de júbilo, quando, no tôpo dos mastros ou à frente dos batalhões, te espanejas aos ósculos da brisa ou às carícias do sol, difundindo esperanças e espalhando bênçãos. (PEREIRA, 1907)

Assim percebemos que o texto possui uma natureza que evidencia sua boa escrita de modo especial, há, todavia, um poder político que determina uma política de língua uma vez que esta é uma instituição social evidenciada nos termos eruditos utilizados pelo autor. Eduardo Carlos Pereira e Ismael de Lima Coutinho possuem praticamente a mesma orientação didática para suas obras, pois seguem o modelo da tradição clássica norteado pelo uso padrão da língua.

3. Aspectos do processo de derivação em Evanildo Bechara

Evanildo Bechara, na 37ª edição de sua *Moderna Gramática Portuguesa*, aponta-nos um estudo permeado por um arcabouço teórico. Nota-se tratar-se de uma obra voltada ao magistério e à pesquisa em que se apontam sugestões ou temas de reflexão para a melhoria do ensino gramatical normativo em nossos compêndios

escolares. Este modelo de gramática traz uma disposição da matéria conforme o modelo tradicional, porém, com um tratamento novo para muitos assuntos importantes encarados por outro prisma por que a tradição propunha.

Vários objetivos são ressaltados, no que tange à estruturação dos vocábulos e a sua formação. Pretende-se trazer para a gramática portuguesa uma preocupação de uma científica descrição sincrônica da gramática normativa. A leitura da obra acima permite o encontro de fundamentos que alicerçam o conhecimento reflexivo da língua portuguesa.

Para Evanildo Bechara, as múltiplas atividades dos falantes no comércio da vida em sociedade favorecem a criação de palavras para atender às necessidades culturais, científicas e da comunicação de um modo geral. O primeiro deles é mediante utilização dos elementos (palavras, prefixos, sufixos) já existentes no idioma, quer no significado usual, quer por mudança do significado, o que já é um modo de revitalizar o léxico da língua. (BECHARA, 2009, p. 294)

Além disso, entre os procedimentos formais temos, assim, a composição e a derivação (prefixal e sufixal). Outra fonte de revitalização lexical são os empréstimos e calcos linguísticos, isto é, palavras e elementos gramaticais (prefixos, preposições, ordem de palavras) tomados (empréstimos) ou traduzidos (calcos linguísticos) ou de outra comunidade linguística dentro da mesma língua histórica (regionalismos, nomenclaturas técnicas e gírias) ou de outras línguas estrangeiras – inclusive grego e latim – que são incorporados ao léxico da língua comum e exemplar. (*Idem, ibidem*)

De todos esses procedimentos de revitalização do léxico, para a gramática merecem atenção especial a composição e a derivação tendo em vista a regularidade e sistematicidade com que operam na criação de novas palavras.

Derivação – consiste em formar palavras de outra primitiva por meio de afixos. De modo geral, especialmente na língua literária e técnica, os derivados se formam dos radicais de tipo latino em vez dos de tipo português quando este sofreu a evolução própria da história da língua: *áureo* (e não ouro), *capilar* (e não cabelo), *aurícula* (e não orelha) etc.

Os afixos se dividem, em português, em prefixos (se vêm antes do radical) ou sufixos (se vêm depois). Daí a divisão em derivação prefixal e sufixal.

Derivação sufixal: livraria, livrinho, livresco.

Derivação prefixal: reter, deter, conter. (2009, p.299).

Evanildo Bechara não destoa muito da posição de Eduardo Carlos Pereira que vê a gramática norteada pelo uso padrão e compreendendo um estudo sistemático da língua portuguesa para o domínio da língua dita clássica do educando. Esse posicionamento fica claro quando ele diz:

Dificilmente haverá seção da *Moderna Gramática Portuguesa* que não tenha passado por uma consciente atualização e enriquecimento: atualização no plano teórico da descrição do idioma, e enriquecimento por trazer à discussão e à orientação normativa a maior soma possível de fatos gramaticais levantados pelos melhores estudiosos da língua portuguesa, dentro e fora do país, entre os quais cabe menção honrosa a Mário Barreto e Epifânio Dias. (2005 p.7)

Diante do exposto, verificamos que as duas gramáticas não diferenciam profundamente uma da outra quanto à orientação didática para o ensino padrão da língua vernácula. O que realmente interessa a eles é o domínio padrão por diferentes nuances.

Evanildo Bechara avança substancialmente no aspecto de descrição da língua, devido ao legado de estudos linguísticos em geral. À medida que os estudos linguísticos avançam, as gramáticas vão incorporando cada vez mais dados descritivos. Sem dúvida, a proposta de Evanildo Bechara (2005) é apresentar um modelo que contemple satisfatoriamente a descrição das ocorrências da língua voltada para relação entre forma e conteúdo.

Ao contrário do estilo de Eduardo Carlos Pereira que dá ênfase à memorização com exercícios de fixação, a tendência de Evanildo Bechara procura incorporar métodos de ensino que enfatizam o desenvolvimento da capacidade do "aprendiz" para construção do seu próprio conhecimento por meio do raciocínio.

Para os estudos historiográficos, Evanildo Bechara e Eduardo Carlos Pereira contribuem de forma significativa, embora, em épocas distintas, podemos afirmar que os dois agregam muito para o ensino da língua vernácula quando discorrem suas posições referentes à linguagem, língua e gramática.

4. Análise das ocorrências morfológicas

Quanto aos aspectos morfológicos, não há entre Eduardo Carlos Pereira e Evanildo Bechara nuances diferenciadoras, pois ambos apresentam, praticamente, a mesma noção. O que nota-se é uma diferenciação na abordagem da apresentação dos conceitos entre as gramáticas.

Com relação à Eduardo Carlos Pereira, o processo de formação de palavras (derivação) em quase todo seu aspecto permanece no mesmo espaço de tempo que nos referimos, ele conceitua esse processo de forma a compactuar com os conceitos de Evanildo Bechara, ilustrando muito bem a forma de abordagem utilizada por ele.

Diante do exposto é possível afirmar que não há igualdade nas abordagens dos gramáticos em questão.

Evanildo Bechara declina em definições, subdivididas em conceitos menores, repartindo em casos especiais, especificando parte por parte do processo de derivação.

Não pretendemos esgotar as abordagens, uma vez que as ocorrências nesse período entre Eduardo Carlos Pereira e Evanildo Bechara (mais moderno) foram poucas, mesmo que passadas por uma grafia mais moderna, sua morfologia (estrutura) perpetua.

Notamos que a estrutura adotada por Evanildo Bechara, no período moderno, rompe com um estilo objetivo e didático ao qual se destinava a obra de Eduardo Carlos Pereira. Percebemos em ambos uma preocupação em trazer a gramática para um contexto mais próximo e pertinente à língua, torná-la acessível, cada um a seu método, porém com igual finalidade. Evanildo Bechara avança

consideravelmente comparado a Eduardo Carlos Pereira a detalhar conceitos de derivação em sua descrição.³

Para tanto estabelecemos algumas comparações com os conceitos dos autores supracitados. Procuramos encontrar relação entre as duas gramáticas objetivando alterações no léxico ou não e apontando modificações caso as encontrassem, estabelecendo um contraponto entre suas teorias. Passemos à análise:

a) "Com a alma genuflexa, a rememorar" (l. 7).

Aqui estamos, com a alma genuflexa, a rememorar, no dia consagrado ao teu culto, a tua história moça, de cinco séculos apenas, mas cheia de lances épicos, numa determinação clara de que o esplendor de uma civilização não se afere pelos poucos anos da existência de um povo.

Segundo Eduardo Carlos Pereira, no exemplo, aparece o processo de formação de derivação prefixal e sufixal quando ocorre o acréscimo simultâneo de prefixo e sufixo à palavra primitiva, ele classifica o sufixo *AR* como derivativo para temas nominais (substantivos). Sobre esse processo se revela a flexibilidade e a riqueza da língua (PEREIRA, 1907, p.163). Em contraponto, Evanildo Bechara aponta para uma classificação de sufixo designativo para verbos provenientes de substantivos já existentes (2009, p. 295).

http://<www.filologia.org.br/homenageados/ic/o_orador/indice>. (Acesso em: 08/06/16).

_

³ Apresentamos nos tópicos anteriores às partes que compõe as obras de Eduardo Carlos Pereira e Evanildo Bechara, portanto passaremos a fazer aqui algumas considerações pertinentes à gramática em uma análise das palavras, aplicadas à obra: "Outros textos" do escritor Ismael Coutinho disponível em:

Para ambos, o prefixo *RE* traz consigo a ideia de reforço, repetição (PEREIRA, 1907, p.177), (2009, p. 298). Esse processo é responsável pela formação de verbos, de base substantiva ou adjetiva, Evanildo Bechara (2009, p. 299). Nota-se a permanência de noções gramaticais até hoje atribuindo continuidade aos vocábulos.

b) "Refulgem vultos homéricos" (l. 11).

Em tuas dobras, por mais que avaramente os guardes, refulgem vultos homéricos de heróis, anônimos uns, já consagrados pela justa fama outros, que morreram no cadafalso, ou que se sacrificaram generosamente nos campos de batalha, para que pudesses representar uma pátria livre.

Eduardo Carlos Pereira traz uma preocupação com uma explanação didática e objetiva, o prefixo *RE* traz consigo a ideia de reforço, repetição. (PEREIRA, 1907, p.177).

Evanildo Bechara em sua gramática traz uma nuance mais detalhista, apresenta-se nessa análise o processo de formação chamado de derivação prefixal em que há o acréscimo de prefixo à palavra primitiva (re+fulgir) formando uma nova palavra atribuindo a ela um novo significado. Neste caso forma-se o verbo refulgir que significa resplandecer, brilhar e o exemplo está flexionado na 3ª pessoa do plural. (Bechara, 2009, p. 299).

Encontramos em ambos a mesma definição para o processo de formação, contudo, em Eduardo Carlos Pereira de forma simplificada e, em Evanildo Bechara, de maneira avançada na sua explicação funcional.

c) "amordaçar a manifestação" (l. 48).

Senão porque és uma garantia segura de liberdade e redenção. Onde o despotismo assente a sua tenda, para enclausurar o direito e amordaçar a manifestação da consciência livre, aí te alças, Bandeira da minha terra [...], para restituir ao povo escravo o direito sagrado à liberdade.

Eduardo Carlos Pereira apresenta-nos o prefixo *A* como aquele que dá ideia de apartamento, separação, porém também pode designar aproximação, proximidade ou tendência (PEREIRA, 1907, p. 171 e 173). Ele não traz nenhuma informação à respeito desse processo de formação de palavras.

Evanildo Bechara, em sua gramática, faz referência ao processo de derivação prefixal e sufixal como sendo a ocorrência no exemplo (a+mord+aç (ar)) a fim de formar um novo verbo designativo de ação contínua. (2009, p.298).

Percebemos que não houve uma modificação quanto ao processo de formação de palavras, permanecendo com os mesmos conceitos.

d) "Desvanecedoras" (l. 67).

Por tudo isso, Bandeira da minha terra, é que aqui hoje nos congregamos em torno do teu altar, solidários contigo assim nos bons como nos maus dias, para te prestar esta homenagem que bem mereces pelo teu passado repleto de glórias, pelo teu presente pleno de realizações, pelo teu futuro cheio das mais desvanecedoras esperanças.

Diante do exposto, nota-se que em Eduardo Carlos Pereira há uma classificação do prefixo *des*, comumente, anteposto a ver-

bos e que nem sempre possui valor negativo, pois em alguns casos traz ideia de intensidade, porém, não faz nenhuma referência ao processo de formação sufixal. (PEREIRA, 1907, p. 175)

Em uma análise, segundo Evanildo Bechara, há concretização de uma derivação prefixal (*des+esvanecer* ou *esvaecer*) formando outro verbo de mais intensificação devido ao prefixo que remete essa ideia. (2009 p. 304),

Percebe-se que, embora trabalhem com os mesmos conceitos, cada um classifica o processo de formação sob óticas diferenciadas. Assim, algumas adaptações relacionadas a esse tema tenham sido feitas, não houve comprometimento para o sentido das palavras.

5. Considerações finais

É pertinente observarmos que ao longo desse trabalho percorremos um caminho em busca de um estudo historiográfico a partir da obra didática de Eduardo Carlos Pereira e Evanildo Bechara. Observando a posição atual desta para que pudéssemos mostrar os pontos de continuidade na Língua Portuguesa, ou seja, a manutenção de noções gramaticais, em geral, que continuam presentes ainda hoje e daquelas que poderiam ter sofrido alterações (em seu processo de formação) consideráveis e necessárias para o entendimento da gramática de Evanildo Bechara. Assim, mostramos aspectos gerais pertinentes à morfologia confrontados com as gramáticas de Eduardo Carlos Pereira e Evanildo Bechara em uma perspectiva historiográfica. A derivação, no âmbito temporal, sofreu poucas mudanças o que caracteriza que, muitas vezes, as alterações nem sempre correspondem à demarcação cronológica dos estudiosos da língua.

A análise do processo de derivação das palavras a partir do *corpus* em contraposição às obras permitiu observar os conceitos a respeito de um mesmo processo de formação pela concepção de um gramático antigo e outro contemporâneo, fazendo-nos passear pela historiografia da nossa língua portuguesa.

O texto *Discurso do Dia da Bandeira* apresenta poucas ocorrências modificadoras no que tange ao processo de formação das palavras. Observa-se que as palavras incorporam-se etimologicamente ao português do século XXI e nos faz perceber que grande parte do nosso léxico compreende ao processo de formação prefixal e sufixal, confirmando que nos dias de hoje a língua latina ainda serve de aparato lexiológico para a criação de vocabulário.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Miguél Eugenio. *Alfredo Clemente Pinto e suas contribuições para o ensino da língua português: um estudo historiográfico*. 2007. Tese (de doutorado). – PUC/SP, São Paulo < https://sapientia.pucsp.br/bitstream/handle/14454/1/Miguel%20Eugenio%20Almeida.pdf>.

BASTOS, Neusa Maria Oliveira Barbosa; PALMA, Dieli Vesaro. (Orgs.). *História entrelaçada*: a construção de gramáticas e o ensino de língua portuguesa do século XVI ao XIX. Rio de Janeiro: Lucerna, 2004.

BECHARA, Ivanildo. *Moderna gramática portuguesa*. Rio de Janeiro. 37. ed. Nova Fronteira e Lucerna, 2009.

COUTINHO, Ismael. *O orador*. Disponível em: http://www.filologia.org.br/homenageados/ic/o_orador/indi

ce.htm>. Acesso em: 06/0/2016.

COUTINHO, Ismael de Lima. *Gramática histórica*. 7. ed. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1976.

FARACO, Carlos Alberto. *Linguística histórica*: uma introdução ao estudo da história das línguas. São Paulo. Parábola, 2006.

KOERNER, Konrad. Questões que persistem em historiografia linguística. *Revista da ANPOLL*, n. 2, p. 45, 1996.

LEROY, Maurice. *As grandes correntes da linguística moderna*. São Paulo: Cultrix, 1995.

LOBO, Luiza. A voz espiritual de Ismael de Lima Coutinho. In: COUTINHO, Ismael. *Silhuetas*. Edição, apresentação e notas de José Pereira da Silva. Prefácio de Luiza Lobo. Rio de Janeiro: Botelho, 2011, p. 9-26. Disponível em:

< http://www.filologia.org.br/homenageados/ic/cd/silhuetas/a_voz espiritual_LUIZA.html>. Acesso em: 14/06/2016.

PEREIRA, Eduardo Carlos. *Gramática expositiva*. São Paulo. Weszflog irmãos e Co, 1907.

OS PROCESSOS DE COMPOSIÇÃO: UM OLHAR HISTORIOGRÁFICO A PARTIR DOS TEXTOS DE ISMAEL COUTINHO

Letícia Rodrigues Rojas Talita Galvão dos Santos

1. Introdução

Este capítulo analisa a morfologia nos diversos textos escritos por Ismael de Lima Coutinho, sendo esses sem registro de publicação, muitos manuscritos, a partir dos recursos oferecidos pela historiografia linguística da língua portuguesa.

Para tanto, seguimos o modelo da historiografia linguística proposto por Ernst Frideryk Konrad Koerner (1996), que aponta, como proposta metodológica, os princípios de contextualização, imanência e adequação.

Logo, a meta deste trabalho é desenvolver um estudo sobre os processos de composição da língua portuguesa encontrados nos textos de Ismael de Lima Coutinho com base em Eduardo Carlos Pereira (1926) e Evanildo Bechara (2010).

2. A análise mórfica na formação de palavras em Eduardo Carlos Pereira

Morfologia, do grego "morphes" (morfe = forma, logia = estudo), significa o estudo *das formas que a matéria pode tomar*. No ramo da linguística, é a parte da gramática que estuda as palavras observadas isoladamente, tratando de suas estruturas internas e dos seus constituintes significativos mínimos ou morfemas, ou seja, é o estudo da estrutura e formação das palavras, suas flexões e sua classificação.

São elementos mórficos ou morfemas, o radical, a desinência, os afixos, a vogal temática e o tema.

Para Evanildo Bechara (2001), o radical é o elemento comum a palavras da mesma família, ou seja, que encerra o sentido geral delas. Já a desinência, é o elemento que se acrescenta ao radical para indicar as flexões das palavras. Existem dois tipos, desinências nominais e desinências verbais.

Só se pode falar de desinências nominais de gênero e de número de palavras que admitem essas flexões como, por exemplo, alun-o, alun-s, aluno-s, aluna-s.

As desinências verbais indicam flexão de número, pessoa, modo e tempo dos verbos. Observem os exemplos:

- fal-o: a desinência "-o" é número-pessoal, pois indica que o verbo está na primeira pessoa do singular;
- fala-va: "-va" é uma desinência modo-temporal, pois indica que o verbo está no pretérito imperfeito do indicativo, na primeira conjugação;

Os afixos são elementos secundários, que se acrescentam ao radical ou tema a fim de formar palavras novas. São eles, o prefixo e o sufixo.

Quando são colocados antes do radical como acontece com "-a" na palavra "a-certar", recebe o nome de prefixo e quando surge depois do radical como acontece com "-ar", na mesma palavra, recebe o nome de sufixo.

Vogal temática é a vogal que se junta ao radical para receber desinências e indica a conjugação. São três as vogais temáticas: a, e, i. Exemplos: falar, correr, sorrir.

Por fim, o tema é o conjunto formado pelo radical e a vogal temática. Nos verbos citados acima os temas são: fala, corre e sorri.

3. Análise morfológica nos textos de Ismael de Lima Coutinho e o processo de composição

Como forma de investigação imanente à formação de palavras na língua portuguesa, o processo de composição será feita a partir do estudo da *Gramática Expositiva* de Eduardo Carlos Pereira, de 1958 e o compilado de diversos textos de Ismael de Lima Coutinho, no qual foram selecionados para análise de contos que permeiam a escrita entre os anos de 1922 e 1956.

Pretendemos mostrar a mudança na morfologia da língua portuguesa comparando duas gramáticas de grande referência em suas respectivas épocas, a *Gramática Expositiva da Língua Portuguesa*, de Eduardo Carlos Pereira e a *Moderna Gramática da Língua Portuguesa*, de Evanildo Bechara.

Primeiramente mencionaremos neste trabalho as considerações críticas feitas por Eduardo Carlos Pereira à respeito da morfologia vigente em sua época:

O processo de formação de palavras, segundo Eduardo Carlos Pereira, divide-se em derivação e composição, devido ao fato de ser uma gramática expositiva. Desse modo, as evoluções históricas e sociais são pertinentes à gramática histórica.

Para Evanildo Bechara (2010) a composição é um processo de formação lexical em que consiste uma nova palavra pela junção de dois ou mais radicais. Ao processo de composição da palavra composta exerce a ideia de unicidade e autonomia, dissociada das noções expressas pelos seus componentes, como por exemplo, *sempre-viva* (nome de uma flor), ou *criado-mudo* (nome de um móvel).

A terminologia feita por Eduardo Carlos Pereira (1926) encontra-se ao tratar como base o processo de composição na etimologia, em análise pela sua gramática expositiva, definida por ele como parte que estuda a origem e a formação do léxico, isto é, do vocabulário da língua.

Evanildo Bechara faz considerações a respeito do processo de formação de palavras a composição e derivação, como renovação do léxico: criação de palavras. A partir das múltiplas variações, objetivando atender às necessidades culturais, científicas e comunicativas, o gramático destaca o processo de derivação e composição como um processo de revitalização do léxico.

Para o autor, a derivação e composição operam para a

criação de novas palavras.

Como objeto deste artigo é analisar o processo de composição em nomes (substantivos e adjetivos), podemos distinguir dois tipos de composição, conforme a fusão mais ou menos íntima das palavras componentes: justaposição e aglutinação.

Ocorre a justaposição quando os termos associados conservam a sua individualidade: *passatempo, sempre-viva*. A utilização do hífen no segundo exemplo, e não no primeiro, será objeto de estudo do próximo subtítulo. Tem-se a aglutinação quando os vocábulos ligados se fundem num todo fonético, com um único acento, e o primeiro perde alguns elementos fonéticos (acento tônico, vogais ou consoantes): *boquiaberto, pernalta*. O desgaste do primeiro termo é variável, conforme ilustra a passagem abaixo:

A adaptação da primeira palavra pode ser de quatro espécies: 1) mudança da parte final em relação á mesma palavra quando isolada; ex.: lobis — (comparar — lobo, em lobisomem); 2) redução da palavra ao seu elemento radical; ex.: planalto, onde plan- é o radical de plano (o composto indica um solo plano e alto numa montanha); 3) elemento radical alterado em relação á palavra quando isolada; ex.: vinicultura (vin-, mas vinh- em vinha "árvore da uva"); 4) elemento radical que não aparece em português em palavra isolada; ex.: agricultura (a agr corresponde, em palavra isolada, campo).

A fim de justificarmos a morfologia utilizada por Ismael de Lima Coutinho em seu texto, nós nos fundamentaremos no registro de diversos textos que utilizam esse recurso em sua composição historiográfica.

4. Análise dos contos de Ismael de Lima Coutinho

A formação de palavras por processo de composição nos textos de Ismael de Lima Coutinho se desenvolve com algumas ocorrências de justaposição. Segue abaixo alguns trechos que se destacam:

Palavra original	Nova ortografia	Processo de formação
Obra prima:	Obra-prima	Justaposição
Belas artes:	Belas-artes	Justaposição

Observações: Com o advento da nova ortografia da língua portuguesa, 2009, a regra do uso de hifens foram modificadas em palavras compostas, por isso justifica-se a ausência do hífen na grafia dessas palavras.

O novo Acordo Ortográfico (2009) grifa o uso do hífen como vigente em palavras compostas que não apresentam elementos de ligação. Exemplos: guarda-chuva, arco-íris, boa-fé, segunda-feira, mesa-redonda, vaga-lume, joão-ninguém, porta-malas, porta-bandeira, pão-duro, bate-boca.

As palavras que perderam a noção de composição não utilizam mais esse o hífen, como exemplo de girassol, madressilva, mandachuva, pontapé, paraquedas, paraquedista, paraquedismo.

Segundo Eduardo Carlos Pereira, a justaposição pode ocorrer por coordenação ou concordância, por subordinação ou dependência e por locuções ou frases verbais. As palavras grifadas no quadro anterior mostram a formação por coordenação ou concordância, em que os elementos componentes são coordenados ou apostos, sendo o determinante nominal um substan-

tivo ou adjetivo aposto.

Houve modificações sobre o uso hífen quando o prefixo terminar com letra diferente daquela com que se inicia a outra palavra. É possível notar essa diferença grafada em um trecho dos textos de Ismael de Lima Coutinho como é mostrado.

"com menos capacidade de autô-governo e administração".

Outra ocorrência de formação em destaque encontra-se no uso de composição por aglutinação, destacado abaixo:

"que em sua mocidade não esperava".

O adjetivo *mocidade* é composto pela palavra *moço* + *idade*, que tem como significado segundo o dicionário *Houas-sis* (2009), "fase da vida humana compreendida entre a adolescência e a maturidade".

Eduardo Carlos Pereira define a aglutinação como sendo vocábulos em que a justaposição é mais íntima, sendo o primeiro elemento aquele que perde a autonomia prosódica, modificando sua desinência e fundindo-se em um só significado. A palavra utilizada em grifo ao texto representa a criação semântica a partir da formação de dois nomes de significados semelhantes que, ao fundir-se, produzem outro significado, relacionando-se, semanticamente, às palavras que os originou.

Nas duas gramáticas, o processo de formação de palavras por composição possui definições semelhantes, entendendo dessa forma, que não houve modificações quanto a sua classificação. Embora mudada a regra do uso dos hifens na composi-

ção das palavras, é notória a aglutinação de muitas palavras que eram formadas por justaposição após a nova ortografia da língua portuguesa.

Em Evanildo Bechara (2010), as relações de gênero nos nomes são destacadas de modo que os elementos que constituem as palavras sejam apresentadas para os dois gêneros, o determinante vai para o gênero determinado, por este ser o principal: *batata-aranha*. As exceções são explicadas de forma analógica. Quando não houver distinção genérica das palavras, não se dará, consequentemente, a concordância, por exemplo: *a cobra-cascavel, a fruta-pão*.

E na gramática de Eduardo Carlos Pereira (1926), o procedimento de determinação baseia-se no processo mais comumente adotado no alemão, inglês e latim. Assim, é raro nessas línguas o determinado preceder ao determinante. Desse modo, os compostos por justaposição, para o gramático, em geral, são imperfeitos, espúrios ou impróprios, pois os elementos que os compõem, por vezes, reúnam para formação em unicidade, todavia, conservam sua integridade vocabular, assim, o acento tônico primário e sua forma gráfica, exemplo: mestre-sala, carta-bilhete.

5. Considerações finais

A intenção deste trabalho foi proporcionar, de forma sintética, mas objetiva, algumas transformações que ocorreram com a morfologia da língua portuguesa, pois esta encontra-se em constantes construções e adequações aos seus falantes, condicionada às mudanças.

Destarte aos estudos histográficos da língua, e consoantes aos princípios meteorológicos de Ernst Frideryk Konrad Koerner (1996), são consideráveis as modificações da língua e suas possíveis transformações. Porém, o que se deve levar em consideração é que em decorrência das variantes que a língua portuguesa é mostrada, o tempo entre a publicação das duas gramáticas encontram-se na diferença de 84 anos e o público na qual se destinam divergem pela própria evolução e necessidade social.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALI, Manuel Said. *Grammatica historica da lingua portugue*za. 2. ed. melh. e aug. São Paulo: Melhoramentos, 1965.

BECHARA, Evanildo. *Moderna gramática portuguesa*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2003.

COUTINHO, Ismael de Lima. *Pontos de gramática histórica*. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1976.

FARACO, Carlos Alberto. *Linguística histórica*: uma introdução ao estudo da história das línguas. 2. ed. São Paulo: Ática, 1998.

IWASSA, Hiroco Luiza Fuzzi; ALMEIDA, Miguél Eugenio. Princípios metodológicos da historiografia linguística: uma abordagem em Koerner (1996). *Revista Ave Palavra*, n. 14, 2012.

PEREIRA, Eduardo Carlos. *Grammatica expositiva*. São Paulo: Weiszflog Irmãos, 1926.

SILVA, José Pereira da. (Org.). *Espólio de Ismael de Lima Coutinho*. Edição digitalizada de seus inéditos e dispersos, manuscritos e datiloscritos, além de sua produção literária. Rio de Janeiro: JM Botelho, 2011. Disponível em:

< http://www.filologia.org.br/homenageados/ic/cd/espolio/sumario html>. Acesso em: 03/07/2016.

SILVA, Luiz Antônio. *Português*: história, variação e discurso. 3. ed. São Paulo: Globo, 2005

REGÊNCIA POR EDUARDO CARLOS PEREIRA E EVANILDO BECHARA: UMA ABORDAGEM HISTORIOGRÁFICA

Anderson Ribeiro Foster Glaucinei Dutra Galvão

1. Introdução

Este trabalho trata da análise e comparação da *Grammatica Expositiva – Curso Elementar*, de Eduardo Carlos Pereira, publicada em 1907, e da *Moderna Gramática Portuguesa*, de Evanildo Bechara, publicada em 1999, tendo como *corpus* o estudo dos textos do início do século XX de Ismael de Lima Coutinho⁴.

Nossa base teórica são os princípios propostos por Ernst Frideryk Konrad Koerner (1996) o princípio de contextualização – o estabelecimento do clima de opinião cultural da época em que determinado pensamento se desenvolveu, o princípio de imanência – estabelecimento de uma visão aprofundada, completa dos aspectos históricos, críticos e filológicos do material em questão e o princípio de adequação – o estabelecimento de aproximações mo-

⁴ Disponíveis em: <<u>http://www.filologia.org.br/homenageados/ic/index.htm</u>>. Acesso em: 30-05-2016.

dernas do vocabulário técnico que permita a melhor apreciação do trabalho, conceito ou teoria. Os princípios de Ernst Frideryk Konrad Koerner exigem um vasto conhecimento sobre tema do estudo, pois é necessário buscar informações na história geral para chegar ao domínio do estudo.

O objetivo deste estudo é apontar as diferenças e as semelhanças das gramáticas no que se refere aos aspectos da *regência*, ou seja, a relação de subordinação que ocorre entre um verbo (ou um nome) e seus complementos.

A preocupação com o uso "adequado", normativo da linguagem existe desde tempos de outrora, e sempre teve lugar de destaque para os estudiosos da linguagem verbal. Há muito tempo faz-se distinção entre o que é utilizado pelos usuários e o que é regulado pela norma e considerado "melhor vernáculo". (GÓIS, 1938)

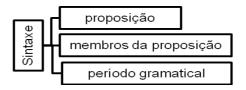
O estudo apresenta as visões dos gramáticos Eduardo Carlos Pereira e Evanildo Bechara, apresentando olhares diferentes sobre a língua, uma pequena contribuição sobre a transformação da visão de língua partindo do princípio de que a língua é, indubitavelmente, heterogênea e variável, de acordo com Joaquim Matoso Câmara Jr. (1985).

2. A regência em Eduardo Carlos Pereira (1907)

O autor da *Grammatica Expositiva – Curso Elementar*, Eduardo Carlos Pereira era republicano abolicionista engajado, missionário presbiteriano de grande representação no Brasil, publicou obras teológicas, filológicas e políticas e sua obra permaneceu cinco décadas como indicação do Colégio Pedro II e apresentou-se como mecanismo que reproduz na escola, o modelo de prestígio.

Destarte examinando o que propõem a *Grammatica Expositiva* e o que ocorre na língua, na primeira metade do século XX, quanto ao estudo da sintaxe e da regência, Eduardo Carlos Pereira descreve e classifica as regras sintáticas de uso da língua padrão, fazendo uso de uma linguagem destinada aos alunos do 1º ano do ginásio.

Para o autor, a sintaxe é, pois, o estudo das palavras combinadas para formar a proposição, e a das proposições combinadas para formar o período (PEREIRA, 1907, p. 189) e organiza os estudos da sintaxe da seguinte forma:



Entretanto, neste estudo, atentar-nos-emos ao estudo de um dos aspectos dos membros da proposição: a regência. Eduardo Carlos Pereira estabelece três desses processos: a concordância, a regência e colocação e cada um desses processos tendo dois aspectos: o normal ou natural e anormal ou figurado. Sendo assim, o autor declara:

Os termos da proposição em sua combinação logica para a expressão logica para a expressão do pensamento manteem entre si duas relações fundamentaes: a relação de **coordenação** e a de **su**-

bordinação. A relação de subordinação ou dependencia dos termos uns dos outros é o objeto de syntaxe de regência. (PEREI-RA, 1907, p. 223).

A gramática de Eduardo Carlos Pereira também declara aos estudantes que:

Regencia grammatical é a propriedade de terem certas palavras outras palavras sob sua dependencia, para lhes completar ou explicar o sentido. As primeiras chamam-se **regentes** ou **subordinantes**, e as outras **regidas** ou **subordinadas**. (PEREIRA, 1907, p. 223)

Essa relação de dependência entre os termos da oração é chamada de regência, que pode ser verbal ou nominal. O termo regido – a palavra – que depende de outra para obter sentido completo e de termo regente – a palavra – a que se subordina o termo regido.

Para Eduardo Carlos Pereira, as relações de regência são indicadas na frase de dois modos, pela posição e pela preposição e explica que a regência constrói o sentido entre os elementos de uma oração estabelecendo uma relação de dependência entre as palavras, para lhes completar ou explicar o sentido. As primeiras chamam-se regentes ou subordinantes e, as outras, regidas ou subordinadas.

Em *Grammatica Expositiva*, as relações de regência são indicadas na frase de dois modos, pela posição e pela predicação. A posição revela o sujeito e o objeto: em regra, o sujeito põe-se, imediatamente, antes do predicado que ele rege e o objeto depois do predicado de que é regido. Eduardo Carlos Pereira esclarece que "o sujeito e o predicado reclamam-se reciprocamente, este

como regido e aquele como regente. Todavia há predicados que exprimem fatos em si completos sem qualquer sujeito determinado". (PEREIRA, 1907, p. 223)

Outrossim, o sujeito é o termo da oração que funciona como suporte de uma afirmação feita por meio do predicado, mas, em muitos casos, as orações não apresentam o sujeito, já o predicado é o termo da oração que, através de um verbo, projeta alguma afirmação sobre o sujeito.

Para Eduardo Carlos Pereira.

Estes predicados dizem-se sujeitos indeterminados, e são expressos pelos verbos impessoaes (§249), exs: "Chove a cantapos" — "Troveja ao longe" — "Tem anoitecido sempre às seis horas" — "Pode escurecer de repente". Além dos verbos essencialmente impessoaes, são os que denotam phenomenos da natureza inorgânica, ou, antes, phenomenosmeteorologicos, outros ha acidentalmente impessoaes. Destes há dois grupos: a) uns que se tornam impessoaes na 3.ª pessoa do singular, e b) outros na 3.ª pessoa do plural. (PEREIRA, 1907, p. 223 e 224).

Eduardo Carlos Pereira organiza o grupo A dos verbos que se tornam impessoais na 3.ª pessoa do singular e faz referência aos verbos da voz ativa e passiva. Os verbos da voz passiva são aqueles cujo sujeito é agente, isto é, pratica a ação expressa pelo verbo: Vejamos exemplos retirados de Ismael de Lima Coutinho "Desde cedo, o capitão Mascarenhas *andava* impaciente, batendo, de encontro ao soalho da fazenda, os grossos de suas velhas botas de couro" (O negro Eugênio). E os verbos que estão na voz passiva são aqueles que o sujeito é paciente, recebendo a ação expressa pelo verbo: "Nenhuma uma providencia *passava* despercebida à

agudeza do seu cérebro" (COUTINHO, Ismael Lima. *O negro Eu-gênio*⁵).

Os compreendidos no grupo B são os verbos que se tornam impessoais na voz ativa, dando-se isso com os verbos *dizer*, *contar*, *relatar*, *julgar* etc., nas seguintes e semelhantes frases. Vejamos exemplos retirados da gramática de Eduardo Carlos Pereira (PEREIRA, 1907) "*Dizem* que ha gozos no correr da vida – *Contam* que ele faleceu. E unipessoais estes mesmos verbos na forma passiva, *Diz*-se que ha gozos no correr da vida – *Conta*-se que ele faleceu."

Os verbos auxiliares *ter*, *haver*, *poder* e *dever*, formando os tempos perifrásticos dos verbos impessoais, tornam-se por isso mesmo impessoais. As locuções verbais, constituídas de verbos auxiliares mais gerúndio ou infinitivo, são verbos que, em uma frase, desempenham papel equivalente ao de um verbo único. Eduardo Carlos Pereira declara que os verbos impessoais podem tornar-se pessoais nos seguintes casos:

a) Em sentido *proprio*, dando-se lhe sujeito adequado: " Si chove o céo, a todos molha."(A.V.) – " Amanheceu claro o dia" – " As nuvens trovejaram." b) Em sentido *translato* ou *figurado*: – " Ele choveu impropérios." – "O povo troveja gargalhadas" (C.C.B.) – " Chovem odios, que, em se evaporando, terão feito desabrolhar bem querenças" (A.C). (PEREIRA, 1907, p. 225)

Torna-se essencial compreender que os verbos impessoais pertencem àqueles verbos denominados defectivos e não possuem conjugação completa, tendo em vista os tempos e pessoas que in-

Disponível em: http://www.filologia.org.br/homenageados/ic/o negro eugenio conto.pdf>. Acesso em: 30-05-2016

tegram as conjugações verbais de uma forma geral. Verbos essencialmente impessoais podem, eventualmente, receber a categoria de pessoa.

Observando a seguinte oração extraída do conto *Tio Jacinto* de Ismael de Lima Coutinho: "Por ordem da sinhá Maria, trouxeram para junto da fogueira um ceisão de aipim, um cesto de batatas e muitos molhos de canna", a construção da oração não corrobora com o apontamento de Eduardo Carlos Pereira: "O sujeito não pode estar subordinado a outra palavra, e por isso não pode ser regido de preposição. A preposição rege o verbo, por isso não deve contrahir-se com o artigo que determina o sujeito". (PEREIRA, 1907, p. 226)

Neste caso a construção deveria ser: "Por ordem de a sinhá Maria, trouxeram para junto da fogueira um ceisão de aipim, um cesto de batatas e muitos molhos de canna". Eduardo Carlos Pereira acrescenta que a regra antecedente:

1ª Quando o sujeito do infinito de certos verbos se põe em relação complementar com o verbo que rege esse infinito. 2ª Quando o sujeito é um verbo no infinitivo, apparece às vezes, em escriptores de boa nota, a preposição **de**. (PEREIRA, 1907, p. 226)

Eduardo Carlos Pereira expõe no item 475 que o objeto regido de predicado, que é sempre, nesse caso, um verbo transitivo, a ele se prende pela sua simples posição, a não ser nos casos já mencionados em que se interpõe a preposição **a**: "Gente que segue o torpe Mafamede". (C.) — "Quem ama Beltram, ama seu cão". Eduardo Carlos Pereira continua expondo o conteúdo de regência de forma clara e exemplificada. Ao apresentar os casos em que o verbo muda de transitividade, declara:

Qualquer verbo *transitivo* pode tornar-se *intransitivo*, empregado em sentido absoluto, sem objeto expresso ou subentendido, por ex: " O preguiçoso que e não quer, mas a alma dos que trabalham engordará" (A.P.). Reciprocamente, muitos *intransitivos* tornam-se *transitivos*. (PEREIRA, 1907, p. 227)

É sabido que a transitividade verbal deve ser entendida como o movimento do significado do verbo em direção a um complemento, objeto direto, indireto. Logo, no caso dos verbos transitivos diretos, há o trânsito sem preposição e nos verbos transitivos indiretos há preposição que antepara o verbo de completar seu sentido de forma direta. E, sobre os verbos custar, pesar e valer, Eduardo Carlos Pereira (1907) analisa da seguinte forma:

Os verbos custar, pesar e valer assumem um caracter fictício de transitivos quando teem por objeto os substantivos que indicam o custo, peso ou valor, p. ex: *Isto custa dez mil réis, pesa tres arrobas e vale muita coisa*. (PEREIRA, 1907, p. 228)

A gramática de Eduardo Carlos Pereira esclarece alguns aspectos sobre o estudo da regência que poderia causar certa dificuldade aos seus estudantes como no caso dos verbos *custar*, *pesar* e *valer*, pois, não é preciso ir muito além para compreender as especificidades dos verbos.

Eduardo Carlos Pereira elucida aos estudantes que a regência verbal nada mais é do que a relação estabelecida entre os verbos e seus respectivos complementos, pois, nessa relação, há aqueles que, indispensavelmente, requerem o uso das preposições e partindo desse princípio, sobretudo apoiando-nos em mais um exemplo da *Grammatica Expositiva*, o item 479:

Duas ou mais palavras podem ter um complemento comum desde que tenha a mesma regência, exs,:" O desejo e o amor da gloria" –

"Elle deseja e ama a gloria". Seria incorreto dizer – se: " Ele é infenso e incapaz de amizade" – " Eu conheço e gosto deste livro". – Dir – se á: "Elle é infenso á amizade e della incapaz" – "Eu conheço este livro e gosto delle". (PEREIRA, 1907, p. 228)

Alguns verbos transitivos são empregados pelos clássicos com relativos, regendo a preposição "de", outros verbos possuem dupla, tripla e até quádrupla regência e muitos verbos transitivos, seguindo de um infinito assumem, facultativamente, a preposição "de". Nessa seção, discorremos sobre alguns aspectos de regência em Eduardo Carlos Pereira (1907). Ao analisar um fenômeno tão complexo e com algumas modificações sofridas no decorrer do tempo, conclui-se que o estudo não ficará atado ao âmbito da sintaxe, mas também considera a pragmática e a semântica.

No próximo item, vamos apresentar a visão e organização de Evanildo Bechara sobre alguns aspectos da regência.

3. A regência em Evanildo Bechara (2009)

De acordo com a Academia Brasileira de Letras (2016) Evanildo Bechara é autor da *Moderna Gramática Portuguesa* um recifense que nasceu em 26 de fevereiro de 1928, professor, gramático, filólogo brasileiro, membro correspondente da Academia das Ciências de Lisboa e doutor honoris causa pela Universidade de Coimbra, Professor Titular e Emérito da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) e da Universidade Federal Fluminense (UFF), além de titular da cadeira nº 16 da Academia Brasileira de Filologia e da cadeira 33 da Academia Brasileira de Letras.

A *Moderna Gramática Portuguesa* apresenta a língua portuguesa e suas diversas manifestações aos professores, alunos e estudiosos da contemporaneidade. O autor defende que

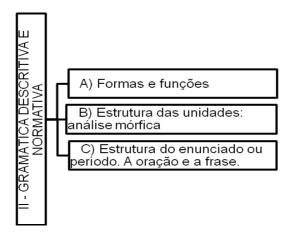
a gramática descritiva é científica e deve registrar e descrever o sistema linguístico, mas é a gramática normativa que deve modelar o uso da língua entre os falantes, seja em termos pedagógicos ou no cotidiano. (BECHARA, 2009, p. 52)

Há uma grande diferença entre a língua falada e a escrita, logo nenhuma língua do mundo consegue a perfeição de fazer com a língua escrita reproduza a realidade da língua falada. Para Evanildo Bechara:

Toda a manifestação da linguagem com vistas à comunicação com nossos semelhantes se constrói com uma sequência de unidades delimitadas por um silêncio que precede o início dessa atividade e o que se lhe segue, acompanhada de contorno melódico, também chamado curva de entonação e normalmente marcada, na escrita. (BECHARA, 2009, p. 406)

Falar da autoria de gramática é falar de ideias linguísticas, de questões da língua, da produção de um conhecimento sobre ela e, principalmente, da produção de instrumentos tecnológicos (AUROUX, 1992). A *Moderna Gramática Portuguesa* apresenta a mais completa soma de fatos e soluções de dúvidas da língua portuguesa, mas dentro das inúmeras possibilidades a serem estudas sobre a gramática de Evanildo Bechara, este estudo versa sobre alguns aspectos de regência.

Para o autor, esta unidade linguística que faz referência a uma experiência comunicada e que deve ser aceita e depreendida cabalmente pelo nosso interlocutor dá-se o nome de enunciado ou período (BECHARA, 2009, p. 406). Organiza o caminho para o estudo da regência da seguinte forma:



No item C, a *Moderna Gramática Portuguesa* apresenta uma subdivisão das unidades do enunciado: o item 1 – A oração: funções oracionais, 2 – Orações complexas e grupos o racionais: A subordinação, a coordenação e a justaposição, 3 – As chamadas orações reduzidas, 4 – As frases: enunciados sem núcleo verbal, 5 – Concordância, 6 – Regência e 7 – Colocação, mas este estudo aborda alguns dos aspectos da regência. Para Evanildo Bechara (2009, p. 407),

Entre os tipos de enunciados há um conhecido pelo nome de **oração** que, pela sua estrutura, representa o objeto mais propício à análise gramatical, por melhor revelar as relações que seus componentes mantêm entre si, sem apelar fundamentalmente para o entorno (situação e outros elementos extralinguísticos) em que se acha inserido. É neste tipo de enunciado chamado **oração** que se alicerça, portanto, a gramática, e será especificamente dela que trataremos. Mas antes devemos adiantar que o enunciado também aparece sob forma de **frase**, cuja estrutura interna difere da oração porque não apresenta relação predicativa. São às vezes sim-

ples palavras, outras vezes uma reunião delas, que são transpostas à função do e enunciado.

O estudo da regência verbal versa sobre a relação que se estabelece entre os verbos e os termos que os complementam (objetos diretos e objetos indiretos) ou caracterizam (adjuntos adverbiais). Já o estudo da regência nominal trata da relação existente entre um nome (substantivo, adjetivo ou advérbio) e os termos regidos por esse nome, essa relação é sempre intermediada por uma preposição. Na maioria dos casos de regência, verifica-se se o uso da preposição é ou não obrigatório, e se o usuário satisfaz ao que recomenda a normativa quanto a esse uso.

Evanildo Bechara esclarece que, se a preposição seguida de pronome não serve para introduzir este pronome (que funciona como sujeito), mas um infinitivo, usam-se as formas retas *eu* e *tu*, e não *mim* e *ti*. O verbo pedir pede objeto direto de coisa e indireto de pessoa a que se pede, mas se o objeto é licença (ou equivalente), pode-se acrescentar uma oração adverbial de finalidade que indique o objeto do pedido.

A variação linguística e, particularmente, a variação preposicional, possibilita ao falante pôr o sujeito de infinitivo antes ou depois desta forma verbal:

Está na hora de beber a onça água (posição rara), Está na hora de a onça beber água (posição mais frequente). Este último meio de expressão aproxima dois vocábulos (a preposição de e o artigo a) que a tradição do idioma contrai em da, surgindo assim um terceiro modo de dizer: Está na hora da onça beber água, construção normal, que não tem repugnado os ouvidos dos que melhor conhecem e escrevem a língua portuguesa. (BECHARA, 2009, p. 567)

Evanildo Bechara também explora as possibilidades das migrações de preposição para o autor, essas migrações resultam giros mais agradáveis ao ouvido e que afastam de certas durezas de estilo artificial a que poderia levar à construção rigorosamente gramatical. Sobre a repetição de preposição, posiciona-se da seguinte forma:

Sem atentar para a tradição do idioma e de suas raízes latinas, alguns autores (p. ex., Cândido Figueiredo) condenam a concorrência de prefixo com preposição em usos como concorrer com, deduzir de, depender de, incluir em, aderir a, concordar com, coincidir com etc. Daí repudiarem, por exemplo, a construção consentâneo com, recomendando se diga duas coisas consentâneas em vez de uma coisa consentânea com outra. Também substituem uma coisa coincide com outra por uma coisa incide na outra. São lições que, pela concorrência de prefixo e preposição, devem ser rejeitadas [VB.1]. (BECHARA, 2009, p. 569)

Algumas palavras na língua portuguesa necessitam de complementos para serem compreendidas adequadamente. Para Evanildo Bechara (2009) o rigor gramatical exige que não se dê complemento comum a termos de regência de natureza diferente. Além disso, discorre sobre os termos preposicionados e pronomes átonos, emprego de relativos precedidos de preposição e finaliza com uma relação de regência de alguns verbos e nomes.

4. Contos de Ismael de Lima Coutinho e as gramáticas de Pereira e Bechara

Ismael de Lima Coutinho fora contemporâneo de Eduardo Carlos Pereira, certamente Ismael de Lima Coutinho leu Eduardo

Carlos Pereira, tanto pela familiaridade de profissões, como pela relevância nos estudos de ambos na área de Letras.

Logo, a análise apresenta visões diferentes sobre a língua, levando em conta os estudos gramaticais de Eduardo Carlos Pereira, a influência exercida por este nos textos de Ismael de Lima Coutinho e o confronto com Evanildo Bechara que é tido como o mais importante da atualidade.

Como já dito anteriormente, a análise não pretende esgotar todas as possibilidades de estudo sobre o assunto, pois visa apenas à seleção de algumas incidências de casos de regência que aparecem nos dois contos escritos por Ismael de Lima Coutinho e que foram escolhidos para esta investigação.

4.1. Análise de alguns aspectos de regência nominal e verbal do conto "Tio Jacinto" 6

Em "em louvor de S. João". (1. 03). O autor usa o termo S. João como complemento do termo louvor. A relação sintática que se dá entre os nomes e os respectivos termos regidos, isto é, o nome da relação entre substantivo, adjetivo ou advérbio transitivo e seu respectivo complemento nominal é chamada de regência nominal. Logo louvor trata-se de um substantivo, e conforme os gramáticos Evanildo Bechara (2009) e Eduardo Carlos Pereira (1907), nessa relação que é tida como regência nominal, sempre

.

⁶ Disponível em: http://www.filologia.org.br/homenageados/ic/tio-jacinto-conto.pdf. Acessado em: 30 de maio de 2016.

será intermediada por uma preposição, havendo assim, o consenso nesse caso do uso da preposição *de*.

Já em "lambiam freneticamente o ar, succedia aquella coluna de fogueira a fazer-se em brasas". (l. 08). Quanto ao verbo suceder, rege objeto indireto, pois uma pessoa ou coisa sempre sucede a outro, dessa maneira não existe a forma "sucedê-lo", mas sim "suceder-lhe". E conforme Eduardo Carlos Pereira (1907, p. 200), "Complemento indirecto é o que se prende uniformemente à palavra completada por meio de preposição". O autor ainda faz a classificação desse complemento em: restrictivo, circuntancial e terminativo.

Segundo Evanildo Bechara (2009), os delimitadores semânticos verbais são denominados de *argumentos* ou *complementos verbais* e os verbos que precisam dessa delimitação semântica recebem o nome de *transitivos*.

O complemento objeto indireto— Integrada a delimitação da amplitude semântica do predicado complexo mediante um signo léxico (*complemento direto* ou *complemento relativo*), pode aparecer um outro signo léxico, subsidiário desse conjunto da função predicativa, que denota geralmente relação a um ser animado, introduzido pela preposição *a* e que se refere à pessoa destinada ou beneficiada pela experiência comunicada no primeiro momento da intenção comunicativa do predicado complexo (verbo + argumento). (BECHARA, 2009, p. 421)

Evanildo Bechara (2009), diz ainda que o complemento ou objeto direto indireto integra o conjunto *verbo+complemento ou complemento relativo*, mas que pode haver casos em que se omitam tanto o complemento relativo como o complemento direto, permanecendo, assim, na oração somente o indireto. Nota-se então

que em "sucedia aquella", não houve o emprego da regência verbal, pois o termo regido exige a preposição a, uma vez que denota sentido de vir depois, substituir, ser sucessor. Porém, é possível que o autor do conto não tenha posto a crase em aquella, devido ao conto ter sido manuscrito, ou pelo fato do complemento verbal se tratar de pronome demonstrativo (aquella).

Na oração "Os moços *escolhiam as raparigas* com quem deviam, de mãos dada, passar sobre as ascuas escaldantes". (l. 22) De acordo Eduardo Carlos Pereira (1907, p. 200), "Complemento directo ou objectivo, ou simplesmente, objecto é o termo que recebe a acção expressa pelo verbo transitivo (§ 274), é o paciente da acção verbal, cujo agente é o sujeito".

O complemento direto ou objeto direto— O predicado complexo acompanha-se de tipos diferentes de argumentos, conhecidos por complementos verbais. O primeiro deles é o complemento direto, também chamado objeto direto, representado por um signo léxico de natureza substantiva (substantivo ou pronome) não introduzido por preposição necessária: Os vizinhos não viram o incêndio. Não encontramos os responsáveis. (BECHARA, 2009, p. 344)

Tanto Eduardo Carlos Pereira (1907) quanto Evanildo Bechara (2009) descrevem que verbos transitivos diretos não possuem sentido completo, logo precisam de um complemento, ou seja, de objeto. E esses complementos (sem preposição), são chamados de objetos diretos. Portanto, no caso acima em questão, o verbo escolher é transitivo direto, sendo as raparigas regidas pelo regente escolhias.

Ainda no tocante ao verbo transitivo direto, Eduardo Carlos Pereira expõe outras possibilidades para a realização do mesmo:

*424. Os complementos directos ou objectivos facilmente se revelam, formulando-se depois do verbo as perguntas – quem?si se tracta de pessoa, e o *que*? Si se tracta de cousas, p. ex.: Eu feri—o que? O ALVO. –*A flecha transpassou*— o que? A AVE. – *Paulo feriu*—quem? A SI, A ELLA, A NÓS. (PEREIRA, 1907, p. 200)

Evanildo Bechara (2009) diz que a transitividade sustentase no conteúdo léxico do verbo, e mesmo apresentando explicações mais complexas e detalhadas, cita em sua gramática que há entendimento variado entre os estudiosos no tocante ao verbo transitivo direto.

Outros autores, levando em conta traços semânticos e sintáticos que caracterizam o complemento direto (além do valor de termo argumental, quase sempre estas unidades léxicas atendem aos testes da passiva, da integração, com a pergunta *que?* etc.) preferem vê-los como verdadeiros objetos. (BECHARA, 2009, p. 446)

Ainda segundo Evanildo Bechara (2009), de modo geral, os complementos nominais restritos a processos de nominalizações que envolvem substantivos, adjetivos ou advérbios, têm sido apontados pela gramática tradicional.

É o que ocorre na frase "Por ordem da sinhá Maria, trouxeram **para junto da** fogueira um ceisão de aipim" (l. 35). A relação sintática que se dá em *para junto da fogueira*, é de regência nominal, havendo um advérbio transitivo, ocorrendo dessa forma a relação entre o termo regente *para junto* (locução verbal), com o seu complemento preposicionado *da fogueira* (regido).

O complemento objectivo ou objecto, sendo paciente da acção verbal de que é agente o sujeito, deve ser sempre representado por substantivo, pronome, palavras ou fhrases substantivadas, exs.: Eu amei A PATRIA, amo-A e amal—A-ei — Desejo CUM-PRIR MEU DEVER — Elle ama o JUSTO — Quero QUE ESTU-DES. — Elle exclamou: — AI DEMIM! (PEREIRA, 1904, p. 200)

É possível perceber em "a lua semelhava um escalér luminoso", linha 61, que o autor do conto não fez o uso da preposição a após o verbo semelhar, porém, tanto Eduardo Carlos Pereira como Evanildo Bechara discorrem que, quem se semelha, semelha-se a ou com. "467. As relações de regência são indicadas na phrase de dous modos – pela **posição** e pela **preposição**". (PEREIRA, 1907, p.200).

Em "não raro, daquelle oceano *revolto de braços e cabeças*, saia aos gritos, salteando desordenadamente na relva" (l. 47). Notamos que o termo regente *revolto* exige de seu complemento *de braços* a preposição *de*, porém o termo *cabeças* é posto sintaticamente sem tal preposição.

A preposição que serve a dois termos coordenados pode vir repetida ou calada junto ao segundo (e aos mais termos), conforme haja ou não desejo de enfatizar o valor semântico ao da preposição. Ex: As alegrias *de* infância e *de* juventude. / As alegrias *de* infância e juventude. (BECHARA, 2009, p. 566)

Para Evanildo Bechara (2009) a omissão da preposição, torna-se um recurso muito normal quando não se combina com o artigo. Já Eduardo Carlos Pereira (1907) não menciona, em sua gramática, que a preposição que serve a dois termos coordenados poderá vir de forma repetida ou calada, apenas discorre que se trata de uma pequena palavra que subordinando a segunda à primeira, faz a ligação das mesmas.

292. Preposição é uma pequena palavra invariavel que se põe entre duas outras para lig-as, subordinando a segunda à primeira, exs.: Livro **de** Pedro, amo àPatria, ferido **por**elle. As palavras subordinantes – livro, amor, ferido, chamam-se **termos antecedentes**, as subordinadas – Pedro, pátria, elle, chamam-se **termos conseqüentes**. O conseqüentes se diz *complemento* ou *regimen*da

preposição, e a preposição com seu regimen se diz *complemento* do *antecedente*. De sorte que a preposição liga sempre um complemento a um termo antecedente. (PEREIRA, 1907, p. 145)

Revolto na oração é um adjetivo, que rege os complementos de braços e cabeças. Mesmo não previsto esse recurso na gramática de Eduardo Carlos Pereira, Ismael de Lima Coutinho escreve dessa maneira em seu conto. E na mesma oração é possível analisar o emprego do advérbio desordenadamente, que é regido corretamente pelo complemento nominal na relva (preposicionado).

Em "É verdade que, de quando em quando, um ou outro crime sobressaltava a attenção publica, *interrompendo-lhe o curso normal*" (l. 137). O autor do conto empregou o verbo interromper como verbo transitivo indireto, sendo que o mesmo trata-se de verbo transitivo direto.

O pronome *lhe*, conforme Evanildo Bechara (2009), pode ser usado com verbos transitivos indiretos que exijam a preposição *a* ou *para*, mas faz a ressalva que, nem sempre complementos iniciados pela preposição *para* costumam ser complementos indiretos. Não sendo assim o caso em questão acima, pois o pronome *lhe* é substituto dos objetos indiretos, ou seja, dos complementos que possuem preposição. Já os pronomes *o*, *a*, *os*, *as*, e variações como *lo*, *la* são objetos diretos.

Logo, o complemento adequado do verbo *interrompendo* seria *interrompendo-o seu curso normal*, pois *algo foi interrompido*. No entanto, Eduardo Carlos Pereira acusa que, em caso de elegância, o *possessivo lhe* (=sua) poderá tomar a forma de *pronomes oblíquos*.

442. Substitui-se elegantemente o *possessivo* pelos pronomes oblíquos do paragrapho antecedente, postos em relação complementar terminativa para com o verbo da preposição, p. ex.: *Levei*-LHE o livro = *Levei* o SEU *livro* – Levou-ME o chapéo = *Levou* o MEU chapéo – *Conheço*-LHEas manhas = *Conheço* as SUAS manhas. (PEREIRA, 1907, p. 206).

Mas, Ismael de Lima Coutinho, provavelmente tenha empregado o *lhe* nessa linha de interpretação, onde o pronome *lhe* ficaria sintaticamente como SEU/DELA, retomando e ligando ainda o sentido de *attenção publica*.

Em "vergando o corpo ao peso das cangalhas novas, *em cu- jo cimo tripudiavam*, em saudações à terra, bandeirolas tricolores"

(l. 178). Para Eduardo Carlos Pereira (1907, p. 271), "574. *Cujo*admite antes de si a preposição DE ou qualquer outra reclamada
pelo verbo que se lhe segue". Dentre as definições apregoadas por
Evanildo Bechara, ele descreve que "Conforme a função do núcleo do sintagma nominal, do qual este pronome serve de adjunto, *cujo* pode vir precedido de preposição." (BECHARA, 2009, p.
202). O gramático ainda cita um exemplo em que *cujo* tem valor *do qual*. Portanto, Ismael de Lima Coutinho bem utilizou a preposição *em* precedendo *cujo cimo tripudiavam*.

4.2. Análise de alguns aspectos de regência nominal e verbal do conto "O negro Eugênio"

Em "Seria *inutil qualquer* resistencia ou tentativa de fuga" (l. 82). Aparece nessa frase um caso de regência nominal, tendo como termo regente *inútil* e termo regido *qualquer resistência ou tentativa de fuga*. Evanildo Bechara (2009) e Eduardo Carlos Pe-

reira (1907) dizem que, em geral, a relação entre um nome e o seu complemento é estabelecida por uma preposição.

Evanildo Bechara (2009, p. 463-485) apresenta uma lista de regências de alguns verbos e nomes, destacando que é indispensável sempre a consulta ao dicionário, em casos de regência, uma vez que o emprego do verbo como transitivo, com ou sem preposição, ou intransitivo depende de sua significação. Todavia, o termo regente *inútil* exige de seu complemento a preposição *para* ou *a*, não tendo assim, sido empregada nesse caso, pelo autor do conto.

Na oração: "Os poderes publicos não *lhes offerecem outro meio*". (l. 49). Dependendo do sentindo, o verbo *oferecer* pode ser transitivo direto ou transitivo direto e indireto. Ainda no tocante a forma *lhe*, Eduardo Carlos Pereira diz que:

Auctoriza o uso classico empregar-se como equivalente do *objeto* de certos verbos transitivos a fórma-**lhe** ou um nome regido da preposição a. Dá-se este phenomenosyntactico nos casos do predicativo indirecto. (PEREIRA, 1907, p. 201)

Evanildo Bechara (2009, p. 343) discorre que "O complemento direto ou objeto direto – O predicado complexo acompanha-se de tipos diferentes de argumentos, conhecidos por complementos verbais". Entretanto, Ismael de Lima Coutinho na oração acima emprega o complemento lhes (objeto indireto). Mas o verbo oferecer, nessa frase, dá o sentido de proporcionar. Logo, seu complemento seria o oblíquo os (objeto direto).

Já em "Meia legua mais e a marcha *chegaria ao seu termo*". (l. 61). Há a presença do verbo *chegar*, e esse verbo geralmente é

regido da preposição *a*, pois quem chega, chega a um, ou de algum lugar. Tanto em Eduardo Carlos Pereira como em Evanildo Bechara, notamos harmonia de um mesmo sentido e significado. Portanto, Ismael de Lima Coutinho emprega adequadamente a preposição *a* no complemento verbal *ao seu tempo* (termo regido).

Para finalizar, se por um lado Ismael de Lima Coutinho não empregou a regência nominal em "demonstravam claramente o *empenho que* ambos tinham em vencer" (l. 187), pois o substantivo *empenho* (regente) exige de seu complemento nominal (que ambos tinham em vencer) preposição *em, de.* Já na oração "Imaginem qual não foi a sua *surpresa ao* encontral-o habitado" (l. 231), Ismael de Lima Coutinho emprega ao termo regido a preposição *a*, uma vez que o substantivo surpresa (regente) requer complemento preposicionado.

4.3. Análise de alguns aspectos de regência nominal e verbal do conto "O velho tropeiro" ⁷

Já no início do conto temos o enunciado: "tinham sido convidados para *assistir ao desbravamento do Dourado*" (l. 04). O caso do verbo *assistir* é emblemático, uma vez que pode ser usado como transitivo direto ou indireto.

Há verbos cujo conteúdo léxico é de grande extensão semântica; de modo que, se desejamos expressar determinada realidade, temos de delimitar essa extensão semântica mediante o auxílio de outros signos léxicos adequados à realidade concreta. Estes outros signos léxicos que nos socorrem nessa delimitação da exten-

-

⁷ Disponível em: http://www.filologia.org.br/homenageados/ic/o velho tropeiro conto.pdf.
Acessado em: 30 de maio de 2016

são semântica do verbo, verdadeiros delimitadores semânticos verbais, se chamam *argumentos* ou *complementos verbais*. Os verbos que necessitam dessa delimitação semântica recebem o nome de *transitivos* (BECHARA, 2009, p. 414, 415).

Evanildo Bechara (2009), conforme citação acima, prevê que alguns verbos não são fixos de acordo com a sua classificação. Para Eduardo Carlos Pereira (1907) também vai ocorrer mudança de significado do verbo como seu complemento e cita que existem verbos com dupla, tripla e até quádrupla regência. E diz ainda que:

A mudança de regência implica ás vezes mudança de sentido; assim querer alguma pessoa ou alguma cousa é desejal-as, e querer a alguma pessoa ou a alguma cousa é estimal-as, amal-las, querer bem a ellas; dahi a differença entre eu lhe quero e eu o quero. (PEREIRA, 1907, p. 229)

Quando o verbo *assistir* significar *assistência*, *confortar*, *ajudar*, *socorrer*, é transitivo direto. Já o sentido em que aparece na oração analisada acima é de *presenciar*, *estar presente a*, *comparecer*, portanto exige a preposição *a*, sendo assim, transitivo indireto.

Na oração "o burro offerecia ao seu adversario era o desespero". (l. 440) Ismael de Lima Coutinho emprega o verbo offerecia que pode ser transitivo direto e indireto. Com efeito, a ação contida nesse verbo transita para o complemento direta (o desespero) e indiretamente (ao seu adversário) ao mesmo tempo. Ou seja, são necessários dois objetos para completar o sentido do enunciado, um direto e um indireto. Pois quem oferece, oferece a alguém alguma coisa.

278. Transitivo-relativo é o verbo que pede dois complementos para lhe inteirarem o sentido, um directo ou *objectivo* e outro in-

directo terminativo; taes os verbos – dar, contar, dizer, levar, offerecer, receber, attribuir etc.: – Elle deu uma esmola a um pobre – Contei o facto á autoridade – Recebemos uma carta de nossos Paes – Levamos, offeceremos, attribuimos, dizemos alguma cousa alguém. (PEREIRA, 1907, p.137, 138).

Eduardo Carlos Pereira (1907) menciona que alguns gramáticos preferem dar a esta classe de verbos o nome de *bitransitivo* (duplamente transitivo). Para Evanildo Bechara (2009) definir verbo transitivo direto e indireto não é tarefa fácil, e, sim, complexa.

Embora o complemento ou objeto indireto integre o conjunto *verbo* + *complemento direto* ou *complemento relativo*, as circunstâncias do discurso (os entornos, a referência anterior ou seguinte no discurso) permitem que se omita o complemento direto ou complemento relativo, permanecendo na oração apenas o indireto, ou se pode omiti-lo, deixando apenas um daqueles complementos: O diretor escreveu *aos pais*. O diretor escreveu *cartas*. Os vizinhos se queixaram *à polícia*. Os vizinhos se queixaram *do barulho*. (BECHARA, 2009, p. 422)

Há consenso entre muitos gramáticos que a questão de transitividade não é fato absoluto, pois um mesmo verbo, dependendo do contexto, pode ser classificado de modos diferentes. Além disso, é necessário refletir que, em alguns casos, essa variação na classificação em transitivo direto e indireto pode envolver mudança no sentido e no significado do verbo.

Nos enunciados seguintes temos a presença de verbos tidos como intransitivos: "E *chorava* como uma creança." (l. 61) e "Dias antes de *morrer*, ainda se recordou". (l. 62). Segundo Eduardo Carlos Pereira (1907) os verbos nascer, viver, morrer, voar e dormir são verbos intransitivos, pois não pedem objetos, tão pouco

carecem de qualquer outro complemento para seu sentido pleno. E diz ainda que:

276. Transitivo intransitivo é o verbo activo ou neutro cuja acção fica no sujeito, e que, tendo sentido completo em si, não exige complemento nenhum, exs.: O homem nasce, vive e morre: – A águia voa nas nuvens, e dorme nos altos rochedos. (PEREIRA, 1904, p. 137)

Já Evanildo Bechara (2009) faz menção à possibilidade de, para muitos verbos, haver a alternância entre a construção de seu sentido e complemento.

Os verbos que apresentam significado lexical referente a realidades bem concretas não necessitam de outros signos léxicos, como fazem os que integram predicados complexos. Dizemos, então, que o predicado é *simples*. A tradição gramatical chama *intransitivos* a tais verbos: Ela não *trabalha*. José *acordou* cedo. As crianças *cresceram* rapidamente. (BECHARA, 2009, p. 415)

O gramático atual discorre ainda que "Um mesmo verbo pode ser usado transitiva ou intransitivamente, principalmente quando o processo verbal tem aplicação muito vaga" (p. 415). Cita ainda os exemplos: "Eles comeram maçãs" (transitivo). "Eles não *comeram"* (intransitivo).

E conclui que, "Por tudo isto, conclui-se que a oposição entre transitivo e intransitivo não é absoluta, e mais pertence ao léxico do que à gramática". (BECHARA, 2009, p. 415). Inferimos de Evanildo Bechara que se deve ter cautela e uma análise ampla no tocante à transitividade ou intransitividade do verbo. Não sendo à toa que, o problema da transitividade verbal desperta tanto em gramáticos como em linguistas elevado interesse nessa investigação.

5. Considerações finais

Analisando o fenômeno da regência e suas inúmeras possibilidades disponíveis aos usuários da língua portuguesa e as modificações sofridas no decorrer do tempo, concluímos que nenhum estudo da língua poderá ficar atado ao âmbito da sintaxe, devendo considerar a pragmática e a semântica.

O confronto entre Eduardo Carlos Pereira e Evanildo Bechara procurou comprovar as mudanças da língua no decorrer do tempo, o trabalho desses gramáticos normativos e os trabalhos referentes ao ensino da gramática. Discorremos também sobre variação linguística e, particularmente, sobre a regência.

Ao final deste estudo, conclui-se que sempre existiram fatos a serem observados no estudo da língua e a importância da Historiografia para a compreensão destes fenômenos linguísticos. Não se negara a enorme colaboração do gramático como Ismael Lima Coutinho, pois sua postura considerada "tradicionalista" vem ao encontro da frase de Nietzsche (1887 *apud* KOERNER, 1989, p. 2), "todo grande homem tem sua influência retrospectiva".

Finalizamos então, deixando explícito o desejo de fomentar novos estudos sobre a Língua Portuguesa e, consequentemente, explorar as vertentes de estudo da Historiografia, valorizando as variantes estudadas, ampliando e desenvolvendo estudos que relacionem passado e presente.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ACADEMIA Brasileira de Letras. *Portal Informativo da Instituição*. Disponível em:

< http://www.academia.org.br/academicos/evanildo-

bechara/biografia>. Acesso em: 02-06-2016.

AUROX, Silvain. *A revolução da gramatização*. Trad.: Eni Orlandi. Campinas: UNICAMP, 1992.

BECHARA, Evanildo. *Moderna gramática portuguesa.* 37 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira/Lucerna, 2009.

CÂMARA JR., Joaquim Matoso. *História e estrutura da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Padrão,1985.

GÓIS, Carlos. *Sintaxe de regência*. 4 ed. Belo Horizonte: Francisco Alves, 1938.

KOERNER, Ernst Frideryk Konrad. *Practing linguistic historiog-raphy: select essays*. Amsterdan & Philadelphia: John Benjamins, 1987.

	. On	the	problem o	of 'inf	luence	' in	Linguistic F	Historiog-
raphy.	In: _	·	Practicing	z Ling	guistic	His	toriography.	Amster-
dam/Philadelphia: John Benjamins, 1989, p. 31-46.								

PEREIRA, Eduardo Carlos. *Grammatica expositiva*. 1. ed. São Paulo: Weiszflog Irmãos, 1907.

SOBRE OS AUTORES

Anderson Ribeiro Foster é graduado em Letras, com habilitação em Português e Espanhol pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS), especialista em Gestão em Segurança Pública pela Universidade de Lins (UNILINS). Atualmente é Mestrando no Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Letras pela Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS) e atua como instrutor do Programa Educacional de Resistência às Drogas (PROERD) aplicando o currículo para alunos do ensino fundamental e também como mentor nos cursos de formação de novos instrutores.

Fernanda Viana de Sena é especialista em Língua Portuguesa: Teoria e Prática pela Universidade do Grande Rio (Unigranrio), mestranda em Letras pela Universidade Estadual do Mato Grosso do Sul (UEMS), graduada em Letras Português/Literatura pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Duque de Caxias (Feuduc-RJ), membro do Núcleo de Pesquisa de Histórias em Quadrinhos (NuPeQ), professora do ensino fundamental e médio em Instituição Privada em Campo Grande, MS.

Giselle Vasconcelos dos Santos Ferreira é graduada em Letras Português e Inglês pela Universidade Vale do Rio Verde em Três Corações-MG, especialista em Metodologia da Língua Portuguesa e Estrangeira pela UNINTER e mestranda em Letras pela Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS). Atualmente é professora de Língua Portuguesa e Inglesa da Rede Pública Estadual do Mato Grosso do Sul, atuando no ensino fundamental e médio e é membro do Núcleo de Pesquisa em Quadrinhos (Nu-PeQ).

Glaucinei Dutra Galvão é especialista em Diversidade e Educação Inclusiva pelo Instituto Liberas Limes, especialista em Metodologia e Gestão para EAD pela Letras pela Universidade Anhanguera — Uniderp e graduada em Letras pela Anhanguera — Uniderp. Atualmente é tutora a distância do curso de Letras da Universidade Anhanguera — Uniderp; tutora a distância do curso de pós-graduação Educação, Pobreza e Desigualdade Social da UFMS, professora do Colégio Alexander Fleming.

Izadora Thais Marinho de Andrade é graduada em Letras/ Espanhol pela Universidade Católica Dom Bosco (UCDB), integrante do Núcleo de Pesquisa em Alfabetização Bilíngue (Libras/Português) Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS), professora de Literatura e Língua Portuguesa da rede privada em Campo Grande, MS.

<u>João Henrique Aquiles Diniz</u> é graduado em História pela Universidade Uniasselvi, Campo Grande, MS, professor coordenador da Escola Estadual Paulo Eduardo de Souza Firmo, Assentamento Eldorado, Sidrolândia, MS.

<u>José Pereira da Silva</u> é mestre e doutor em linguística e filologia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro e professor aposentado da Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

<u>Letícia Rodrigues Rojas</u> é graduada em Letras pela Universidade Católica Dom Bosco (UCDB), professora da Rede Estadual de Mato Grosso do Sul e rede Municipal de Campo Grande/MS, membro do grupo de pesquisas Núcleo de Pesquisa em Quadrinhos (NuPeQ).

Maria Lucia Loureiro Paulista é graduada em Letras (Português/Inglês) pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS), membro do Núcleo de Estudos em Análise do Discurso (NEAD), mestranda em Letras pela Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS) e pesquisa sobre a discursividade do aborto.

<u>Nataniel dos Santos Gomes</u> é doutor em linguística pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), membro do Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos (CiFEFiL), pro-

fessor da graduação e da pós-graduação da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS), líder dos grupos de pesquisas Núcleo de Pesquisa em Quadrinhos (NuPeQ) e do Núcleo de Línguas Indígenas de Mato Grosso do Sul (NuLIMS).

<u>Shirley Aquiles Diniz</u> é graduada no Curso Normal Superior, com Licenciatura na Educação Infantil e Séries Iniciais, pela Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS), Secretária Escolar na Escola Estadual Paulo Eduardo de Souza Firmo, Assentamento Eldorado, Sidrolândia, MS.

<u>Talita Galvão dos Santos</u> é graduada em Letras pela Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS), mestranda em Estudos de Linguagens pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS).